

Trabalho de Conclusão de Curso 2007

Daniel Herberth Alves Liidtk

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2007
Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

SÁBADO: SINAL PERPÉTUO ENTRE YAHWEH E OS FILHOS DE ISRAEL Um estudo exegetico de Êxodo 31:17

Resumo: Esse estudo exegetico tem como objetivo entender o significado das palavras de Yahweh em Êx 31:17, onde coloca-se o sábado como sinal da aliança entre ele e o povo de Israel. A questão central é saber se a intenção de Yahweh era firmar um pacto baseado num sinal exclusivo para o Israel literal, ou se era estabelecer um símbolo distintivo para o seu povo em todas as eras.

Palavras-chave: sábado, Israel, aliança, Êxodo 31:17.

THE SABBATH: AN ETERNAL SIGN BETWEEN YAHWEH AND THE CHILDREN OF ISRAEL – An Exegetical Study of Exodus 31:17

Abstract: The present exegetical study has the goal to understand the meaning of the words of Yahweh in Ex 31:17, where it is said that the Sabbath was a sign forever between Him and the People of Israel. The central question was to know if Yahweh's intention were to establish a Covenant based in a exclusive sign to literal Israel only, or to establish a symbol for His people in any era.

Keywords: Sabbath; Israel; Covenant; Exodus 31:17.

DANIEL HERBERTH ALVES LIIDTKE

SÁBADO: SINAL EXCLUSIVO ENTRE YAHWEH E OS FILHOS DE ISRAEL?
Um estudo exegético de Êxodo 31:17

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo como requisito parcial à obtenção da graduação no Bacharelado em Teologia sob a orientação do Prof. Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Engenheiro Coelho – S.P.

Novembro de 2007

SÁBADO: SINAL EXCLUSIVO ENTRE YAHWEH E OS FILHOS DE ISRAEL?

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

Por

Daniel Herberth Alves Liidtkke

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Reinaldo W. Siqueira
Professor de línguas e
Teologia do Antigo Testamento

Avaliação

Ruben Aguilar
Professor de História e
Teologia do Antigo Testamento

Data da aprovação

Amim A. Rodor
Diretor da Faculdade Adventista de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0.1. Problema	1
0.2. Metodologia	1

CAPÍTULOS

I. REVISÃO DE LITERATURA	3
1.1. Sábado: Sinal exclusivo de Israel.....	3
1.2. Sábado: Sinal exclusivo de Israel, com paralelo na era cristã	4
1.3. Sábado: Sinal do povo de Yahweh em todas as épocas.....	4
1.4. Conclusão parcial	5
II. O TEXTO	6
2.1. Delimitação da perícope	6
2.1.1. Elementos de unidade	7
2.1.2. Elementos da divisão	7
2.2. O texto da perícope.....	7
2.3. Tradução	9
2.4. Conclusão parcial	9
III. CONTEXTO HISTÓRICO	10
3.1. Contexto geral	10

3.1.1. Autor	10
3.1.2. Data.....	12
3.1.3. Contexto histórico, político, social e religioso	13
3.2. Contexto específico	14
3.3. Conclusão parcial	14
IV. CONTEXTO LITERÁRIO	16
4.1. Gênero literário.....	16
4.2. Forma literária	16
4.3. Estrutura literária	16
4.3.1. Estrutura do livro	16
4.3.2. Estrutura da perícope	19
4.4. Figuras de linguagem.....	19
4.5. Conclusão parcial	20
V. CONTEXTO LÉXICO-SINTÁTICO, TEMÁTICO E TEOLÓGICO	21
5.1. Análise léxica	21
5.2. O contexto das palavras no verso	21
5.3. O contexto das palavras na perícope	22
5.4. O contexto das palavras no livro	23
5.5. O contexto das palavras nos livros do mesmo autor	25
5.6. O contexto das palavras em outros livros do Antigo Testamento.....	27
5.7. O contexto das palavras no Novo Testamento	29
5.8. Conclusão parcial	34

VI. REFLEXÃO TEOLÓGICA E REAÇÃO CRÍTICA	35
6.1. Reflexão teológica	35
6.2. Reação crítica	35
CONCLUSÃO	38
BIBLIOGRAFIA.....	42

INTRODUÇÃO

0.1. PROBLEMA

Em Êx 31:17, sobre o monte Sinai, Yahweh falou a Moisés acerca do sábado. Esta mensagem foi transmitida ao povo de Israel: “Entre mim e os filhos de Israel é um sinal perpétuo, porque em seis dias Yahweh fez os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou”. Era propósito de Yahweh que o sábado fosse um sinal da aliança com seu povo para sempre? Seria um sinal exclusivo do Israel literal?

O interesse por esse tema foi despertado pela leitura de um texto de Stephen Korsman (2005), que faz afirmação categórica a respeito de Êx 31:17:

“Este texto estabelece claramente quem são as duas partes do concerto e o que é o sinal do concerto. A aliança é entre Deus e Israel, de acordo com o texto. Isso significa que não é um sinal entre a humanidade e Deus – existiam outros humanos além de Israel, mas a aliança não foi feita com eles. O sábado era para ser um sinal desse concerto que Deus fez com os israelitas no Sinai”.

O objetivo deste trabalho é compreender mais claramente os termos “sinal” e “sábado”, versões do hebraico אֱלֹהִים e שַׁבָּת , respectivamente, em busca de repostas às perguntas acima. Para tanto, será desenvolvida uma exegese do texto na busca de uma definição do sentido dos termos, suas interpretações segundo o contexto bíblico e solução do problema apresentado.

0.2. METODOLOGIA

Para chegar a este objetivo, será utilizado o método da “Leitura Atentiva” (Close Reading) do texto. No primeiro capítulo, será apresentada uma revisão de literatura, contendo as diferentes interpretações existentes em relação ao sinal do sábado, relacionados à sua durabilidade e abrangência. As divisões deste capítulo serão decorrentes às posições dos escritores.

No segundo capítulo, será feito um estudo sobre o texto de Êx 31:17, primeiramente delimitando a perícope a partir dos elementos textuais de unidade e divisão. Em seguida, serão analisadas as possíveis variantes e suas implicações para a compreensão do texto. Por fim, será oferecida uma tradução própria do texto da perícope.

No terceiro capítulo, será abordado o contexto histórico da passagem. Primeiramente será apresentado o contexto geral do livro de Êxodo, incluindo o autor do livro, data de produção e

contexto histórico, político, social e religioso. Na seqüência, será estudado o contexto específico do texto da perícopes.

No quarto capítulo, será apresentado o contexto literário, definindo-se o gênero e a forma literária da perícopes. Em seguida será esboçada a estrutura literária, incluindo a estrutura do livro de Êxodo e a estrutura da perícopes. Por fim, será examinada a presença ou não de figuras de linguagens no texto.

No quinto capítulo, será feita uma análise léxico-sintática, temática e teológica dos termos “sinal” (אֹת) e “sábado” (שַׁבָּת). Os termos serão estudados no contexto do verso, da perícopes, do livro, dos demais livros do mesmo autor, de todo o Antigo Testamento e Novo Testamento. Serão feitos também paralelos lingüísticos, textuais, temáticos e teológicos.

O sexto capítulo apresentará uma reflexão sobre as implicações das descobertas dessa pesquisa para as diferentes áreas da teologia. Em seguida, será desenvolvida uma análise crítica das diferentes interpretações dos autores revisados no primeiro capítulo à luz das descobertas realizadas nessa pesquisa.

Por fim, a conclusão apresentará um sumário das descobertas feitas ao longo do trabalho e procurará responder as perguntas aqui levantadas em relação a este verso da Bíblia.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

O debate teológico divide-se em três posições principais em relação a Êx 31:17 e à problemática proposta: 1) O sábado foi estabelecido como um sinal exclusivo entre Yahweh e a nação de Israel, não tendo significado na era cristã; 2) O sábado foi estabelecido como um sinal entre Yahweh e a nação de Israel, tendo o domingo como paralelo na era cristã; 3) O sábado foi estabelecido como um sinal perpétuo entre Yahweh e seu povo em todas as épocas.

1.1. SÁBADO: SINAL EXCLUSIVO DE ISRAEL

Essa corrente destaca a expressão “entre mim e os filhos de Israel” como principal argumento de que o sábado era um sinal somente da nação israelita, sem implicações para o povo de Deus depois da cruz. Os autores que defendem essa teoria (Canright, 1961, p. 259-261; Rordorf, 1968, p. 46; Unger, 1981, v. 1, p. 141; Lincoln, 1982, p. 353; Rendtorff, 1989, p. 392-393; Cole, 1990, p. 204-205; Champlin, 2001, v. 1, p. 361; Chafer, 2003, p. 464; Vaux, 2003, p. 520; Riffe, 2005; Porter, 2005; Korsman, 2005; Scott, 2005) afirmam que o sábado era um memorial que ajudava Israel a se recordar do seu livramento da escravidão egípcia (Dt 5:15). Devia ser um sinal a Israel “durante todas as suas gerações” (Êx 31:13). Segundo eles, o sábado seria tão perpétuo quanto as outras instituições israelitas também chamadas perpétuas: ofertas queimadas (Êx 29:42), expiação (Êx 30:10), lavagem das mãos e dos pés (Êx 30:21), primícias (Lv 23:13), oferta de manjares (Lv 6:18), óleo para as lâmpadas (Lv 24:3), franjas das vestes (Nm 15:38), a festa do pentecostes (Lv 23:21), festa dos tabernáculos (Lv 23:41), entre outras. Com o auxílio de passagens do Novo Testamento (Mt 27:51; Mt 28:1; Mc 2:28; Gl 4:9-10; Cl 2:16-17), eles mostram que o sábado não foi ordenado aos gentios, mas cumpriu-se em Cristo e foi substituído pelos símbolos da nova aliança. De acordo com estes teólogos, o sábado deixou de ser um período de 24 horas de descanso físico para representar a salvação e o “descanso em Deus” (ver Cole, 1990, p. 205). Embora afirmem que o sábado israelita não tenha nenhuma implicação hoje e não determinem a observância de nenhum dia em particular, a maioria adota o domingo como o “dia do Senhor”. Não existe um “sábado cristão”. O domingo estaria relacionado à graça,

sem nenhuma relação com o shabat. Adotam o princípio cumprimento/transformação do sábado (Gulley, 1998, p. 335).

1.2. SÁBADO: SINAL EXCLUSIVO DE ISRAEL, COM PARALELO NA ERA CRISTÃ

Os teólogos deste grupo (Cox, 1969, v. 1, p. 293; Gaebelein, v. 1, 1970, p. 170; Mesquita, 1971, p. 245; Beckwith e Stott, 1980, p. vii-x; Ederman, 1986, p. 134; Keil e Delitzsch, 1986, p. 218; Grant, 2005), também argumentam que o sábado era uma instituição válida somente na economia israelita, pois era um sinal “entre mim e os filhos de Israel”. Entretanto, eles acreditam que Yahweh intencionava que seu povo mantivesse um dia de adoração específico após a cruz; e esse dia é o domingo. Chamado de “sábado cristão”, o domingo seria uma comemoração ao dia da ressurreição de Cristo. Trata-se de um processo de transferência/modificação do sábado do Antigo Testamento. Os defensores desta hipótese apresentam passagens do Novo Testamento (At 20:7; Hb 4:10; 1 Co 16:2 e Ap 1:10) que, na visão deles, autorizam e sancionam a transferência do sábado para o domingo como dia de guarda. Assim, à luz destes textos, afirmam que Yahweh deu o shabat circunstancialmente, tendo a intenção de no futuro dar a seu povo “coisa superior” (Hb 11:40). Segundo Gabelein (1970, v. 1, p. 170), o sábado era um sinal da condição da aliança entre Yahweh e os filhos de Israel. Hoje, contudo, o domingo é uma prova da aceitação incondicional da Igreja como povo de Deus.

1.3. SÁBADO: SINAL DO POVO DE YAHWEH EM TODAS AS ÉPOCAS

Sob o princípio de reformação/continuação do sábado, os autores que defendem este ponto de vista (Andrews, 1912, p. 50, 70-74; Nichol, 1952, p. 702; Shuler, 1972, p. 27, 74-75; Andreasen, 1978, p. 74; Bacchiocchi, 1980, p. 61-62 e 1998, p. 63; Hasel, 1982, p. 36; Walker, 1985, p. 86; Dawn, 1989, p. 3-4; Doukhan, 1991, p. 162; Gulley, 1998, p. 339; Gane, 2005, p. 19; Dugger, 2005) são minoria no cenário teológico. Eles usam Êx 31:17 como um dos textos que remete a instauração do sábado à criação, tratando-o como um legado, não especificamente aos israelitas, mas a toda humanidade desde a criação. Eles enfatizam a última parte de Êx 31:17: “Porque em seis dias fez os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou, e tomou alento”. Segundo esses teólogos, o fato de Yahweh ter mencionado a criação como motivo para a observância do sábado, indica que o plano de Yahweh sempre foi a perpétua observância do sábado, enquanto Criador e criaturas existirem (ver Shuler, 1972, p. 74-75). Somente Shuler (idem), Dugger (2005)

e Andrews (1912, p. 70-74) comentam a primeira parte do versículo, quando Yahweh diz: “Entre mim e os filhos de Israel é um sinal para sempre”. Asseguram que do mesmo modo que a Bíblia refere-se a Yahweh como o “Deus de Israel” e não quer dizer que ele só é Deus para esse povo, a expressão “entre mim e os filhos de Israel” também não implica que Deus pertence exclusivamente aos israelitas (Shuler, 1972, 74-75). Israel aparece como o povo depositário das leis e da aliança de Yahweh. Este era o único povo que servia a Yahweh e foi incumbido de compartilhá-lo com outros povos (Andrews, 1912, p. 70). Estes teólogos também afirmam que, de acordo com o Novo Testamento, tanto gentios quanto judeus são considerados parte do Israel espiritual, portanto, israelitas (Gl 3:29; Rm 9:6-8). Assim, as promessas e a lei de Israel, incluindo o sábado, seriam aplicadas aos cristãos de hoje (Dugger, 2005).

1.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Nota-se que os três grupos usam o mesmo texto (Êx 31:17) para provar idéias opostas. A partir daí nota-se a necessidade de um estudo aprofundado, a fim de atestar qual dessas vertentes teológicas possui sólido respaldo bíblico.

CAPÍTULO II

O TEXTO

2.1. DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícope do texto em análise estende-se de Êx 31:12 a 17. Ela é parte do bloco de instruções de Yahweh a Moisés a cerca da construção do tabernáculo e temas relacionados (Êx 25:1-31:18). Dentro desta grande seção, existem várias subdivisões, com perícopes específicas. Em Êx 25:1-9, Yahweh manda trazer ofertas para o santuário. Na seção de Êx 25:10 a 27:21, os móveis do santuário são descritos. Nos capítulos 28 e 29 há uma interrupção no tema dos móveis para tratar dos sacerdotes e as cerimônias de consagração dos mesmos. O capítulo 30 retoma a descrição dos móveis. Êx 31:1-11 trata da escolha dos artífices da obra do tabernáculo. Por fim, em Êx 31:12-17, Yahweh introduz o tema da observância do sábado.

Esta perícope é seguida pelo verso 18, que finaliza todo o bloco de instruções de Yahweh a Moisés durante os quarenta dias em que esteve no monte. O verso 18 serve também como ponte para a narrativa do bezerro de ouro e fatos relacionados (Êx 32-33). Esta delimitação é compartilhada por teólogos como Kaiser Jr. (1990, p. 475-6), Noth (1962, p. 240), Hyatt (1980, p. 73) e Jamieson (2005).

Os defensores da Teoria das Fontes (Rowley, 1963, p. 17; Fohrer, 1978, p. 189; Soggin, 1989, p. 93) concordam com a delimitação 31:12-17. Todavia, não vêem ligação coerente entre a perícope e o texto adjacente, criando teorias de que o trecho sobre o sábado é uma adição posterior. Estes teólogos apresentam o Antigo Testamento como um retalho de fontes escritas e retrabalhadas por javistas, elohistas, deuteronomistas e sacerdotais, e crêem que o texto original de Êxodo não continha a perícope sobre o sábado. Este trecho seria uma adição pós-exílica ao texto pré-exílico. Todavia, o estudo da questão mostra que há forte relação entre os temas.

O assunto do sábado está inteiramente ligado ao grande bloco da construção do santuário; ambos referem-se à adoração. A *Bíblia de Jerusalém* (Bazaglia [ed.], 1998, p. 147-148) propõe que a seção acerca do repouso sabático foi inserida sem aparente ligação ao que se precede, para colocar em evidência sua significação cultural. Grylak (1998, p. 107-109), Cole (1990, p. 204-205) e Jamieson (2005) defendem o texto de Êx 31:12-17 como continuidade das orientações sobre o tabernáculo, incluído para salientar que, mesmo tratando-se de um trabalho santo, a

construção do santuário deveria ser suspensa aos sábados. O texto também transparece ênfase intencional no tema do sábado. Nota-se que logo após o caso do bezerro de ouro, o sábado foi o primeiro assunto a ser proclamado por Moisés ao povo (35:1-3). É possível, então, considerar a perícopes como pertencendo ao texto original.

Autores como Cole (1990, p. 205), Matthew Henry (1983, p. 433), Durham (1987, p. 413) e Hoffmeier (2000, p. 60) delimitam a perícopes dos versos 12 a 18. No entanto, não oferecem razões hermenêuticas para tal divisão. Nessa delimitação transparece apenas a idéia de não isolar o verso 18.

Durham (1987, p. 413) propõe que a entrega das tábuas da lei está ligada ao discurso sobre o sábado, já que o quarto mandamento está no decálogo. Mas ele mesmo apresenta o verso 18 como tendo caráter conclusivo do grande bloco no qual Êx 31:12-17 está inserido. O autor assegura que com a doação das tábuas do decálogo, Yahweh completou a revelação de si mesmo. Ao entregar a lei, Yahweh concluiu tanto o bloco referente ao tabernáculo (Êx 25-31) quanto as instruções iniciadas em Êx 20, começando e terminando, assim, seus discursos com a lei (id.). A coerência textual confirma a delimitação já apresentada da perícopes (Êx 31:12-17).

2.1.1. Elementos de unidade

Toda a perícopes é um único discurso de Yahweh a Moisés. A santidade e a observância do sábado são o tema unificador de toda a delimitação.

2.1.2. Elementos de divisão

Embora não haja mudança de ambiente desde o capítulo 25, há mudança de tema. Yahweh continua instruindo a Moisés no monte Sinai, entretanto, outro assunto passa a ser abordado, tratando do sábado e não mais do santuário. Expressões como “disse mais o Senhor a Moisés” (cf. 30:11, 17, 22, 34; 31:1, 12), “disse também Deus a Moisés (cf. 24:1), “farás também” (cf. 25:17, 31; 27:1; 28:3; 30:1), indicam as divisões naturais do texto.

2.2. O TEXTO DA PERÍCOPE

A *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (Rudolph e Reiger [eds.], 1983, p. 139) e Durham (1987, p. 412), apresentam, em sua análise deste texto bíblico, cinco variantes ao texto hebraico massorético. A primeira (v. 13) é o termo **מִקְדָּשְׁכֶם** (“vos santifica”). O Targum substitui o

sufixo ָׁ por ֿׁ. Ao invés de “Yahweh que vos santifica”, a proposta é “Yahweh que os santifica”. Entretanto, logo no verso 14, Yahweh diz que o sábado “é santo para ‘vós’ outros”. O direcionamento de Yahweh à 2ª pessoa do plural nesse início da perícopé claramente aponta para a leitura “Yahweh que vos santifica”.

O final do versículo 14 apresenta uma segunda variante: מִקְרֵב עַמּוֹהָ (“do meio do seu povo”). De acordo com alguns poucos manuscritos do códice de manuscritos hebraicos de B. Kennicott, a versão siríaca, os manuscritos do Targum, usados no aparato crítico da edição de Sperber e o *Targum Pseudo-Jonathae*, a Stuttgartensia sugere que a expressão deveria ser substituída por מִעַמּוֹהָ (“do seu povo”). A mudança consistiria na exclusão da palavra קֵרֵב (“meio”). Acontece que tanto a expressão “eliminado do meio do seu povo” (cf. Lv 20:3,5,6, 18; 23:30; Nm 15:30) e “eliminado do seu povo” (cf. Êx 30:33, 38; Lv 7:25; 17:4,9; 19:8) são muito comuns no Pentateuco. Em nossa tradução optaremos por manter a leitura “do meio do seu povo”, uma vez que reduções e simplificações do texto provavelmente apontam para um trabalho editorial por parte do escriba e tradutor.

A terceira variante do texto massorético refere-se ao termo יַעֲשֶׂה (“será feito” – verbo na 3ª pessoa masculina singular do imperfeito niphál), presente no início do versículo 15. Na Septuaginta, o verbo עָשָׂה aparece na segunda pessoa masculina do singular (“tu farás”). Já nas versões Siríaca e a Vulgata Latina, ele aparece na segunda pessoa do plural (“vós fareis”). A leitura da Septuaginta deve, aparentemente, ser descartada, visto que no contexto (versos 13 e 14), os verbos estão todos na segunda pessoa do plural masculino. Quanto à leitura da versão Siríaca e da Vulgata, ela pode representar uma harmonização do texto colocando o verbo na mesma pessoa dos verbos dos versos anteriores. Manteremos a leitura massorética na base do princípio da leitura mais difícil (*lectio difficilis*), visto que a tendência seria dos tradutores tentarem harmonizar o texto.

A quarta variante (v. 16), a expressão אֶת-הַשַּׁבָּת (“o sábado”) é substituída na Septuaginta pelo pronome αὐτά. Assim, ao invés de “e os filhos de Israel guardarão o sábado”, o texto seria: “E os filhos de Israel o guardarão”. No entanto, a utilização do pronome em substituição à palavra “sábado”, já citado no início do versículo, apresenta-se como uma típica modificação estilística posterior, a fim de evitar repetição. Será mantida a leitura do texto massorético.

A quinta sugestão de correção ao texto massorético decorre do acréscimo que o manuscrito 426 da Septuaginta faz ao versículo 17. Após a sentença “fez Yahweh os céus e a terra”, este manuscrito faz uma adição ao texto grego: καὶ τὴν θάλασσαν καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτοῖς (“e o

mar e tudo que neles há”). A versão siríaca, aparentemente, segue a leitura desse manuscrito. Esta variante é nitidamente uma harmonização com o texto do quarto mandamento do decálogo (Êx 20:11) e será desconsiderada.

2.3. TRADUÇÃO¹

31: ¹² E falou Yahweh a Moisés, dizendo: ¹³ E tu falarás aos filhos de Israel e lhes dirás: Certamente vós guardareis os meus sábados como um sinal entre mim e entre as vossas gerações; para que saibais que eu sou Yahweh, que vos santifica. ¹⁴ E vós guardareis o sábado, porque é santo para vós; e quem o profanar certamente morrerá; porque a pessoa que nele fizer algum trabalho costumeiro, deverá, então, ser cortada do meio do seu povo. ¹⁵ O trabalho será feito em seis dias, mas o sétimo dia é sábado de descanso solene, santo para Yahweh; qualquer um que trabalhar no dia de sábado certamente será morto. ¹⁶ E os filhos de Israel guardarão o sábado, mantendo o sábado por suas gerações como uma aliança eterna. ¹⁷ Entre mim e os filhos de Israel é um sinal perpétuo, porque em seis dias Yahweh fez os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou.

2.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Este capítulo apresentou a delimitação da perícopé (Êx 31:12-17) e seus elementos de unidade e divisão. As variantes do texto foram analisadas e constatou-se que nenhuma delas tem forte apoio dos manuscritos, nem proporciona maiores dificuldades à compreensão do texto. Este capítulo indica a necessidade de investigar outros aspectos do texto para a solução do problema, visto que a divergência de interpretação da passagem não decorre de fatores textuais.

¹ Tradução própria.

CAPÍTULO III

CONTEXTO HISTÓRICO

3.1. CONTEXTO GERAL

3.1.1. Autor

A tradição judaica e cristã sempre indicou Moisés como o autor de Êxodo. Contudo, a partir do século XIX, a crítica literária passou a negar a autoria mosaica do Pentateuco. A teoria desenvolveu-se no trabalho de Jean Astruc (Livingston, 1969, p. 1-4) e principalmente na Teoria das Fontes de Julius Wellhausen (Honeycutt Jr., 1986, p. 369-370). A partir daí, pode-se classificar as visões modernas em duas vertentes: (1) o ponto de vista conservador, que credita a Moisés a autoria de Êxodo; e (2) o ponto de vista crítico, que afirma que Êxodo é resultado da compilação de documentos narrativos e legais (Champlin, 2001, v. 1, p. 299). Essa compilação teria sido paulatina e ocorrida entre os séculos IX e V a. C. (ver Archer Jr., 1991, p. 507).

Os teólogos que apóiam o ponto de vista conservador, como Youg (1989, p. 33), Kaiser Jr. (1990, p. 287-288), Cole (1990, p. 45), Keil e Delitzsch (1986, p. 17-28), Exell (1975, p. vii), Archer Jr. (1991, p. 136-137) e Horn (1979, p. 351), asseguram sua opinião com base na evidência interna. Duas vezes o livro de Êxodo declara que Deus falou para Moisés escrever os acontecimentos ou as leis em um livro (17:14; 34:27) e também diz que “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” (24:4). Estas reivindicações internas também são encontradas em outros livros do Antigo Testamento, como Js 1:7; 8:31-32; 2 Cr 25:4; 1 Rs 2:3; 2 Rs 14:6; Ed 6:18; Ne 13:1; Dn 9:1-13; e Ml 4:4. Os escritores neotestamentários também confirmam a autoria de Moisés. Mc 12:26 cita Êx 3:6 como parte do “livro de Moisés”, Lc 2:22-23 menciona Êxodo 13:2, como “a lei de Moisés” e “a lei do Senhor”. Em Mc 7:10, Cristo atribui o quinto mandamento (Êx 20:12) e uma das leis do livro do concerto (Êx 21:17) a Moisés. Em Jo 5:46-47, Jesus refere-se ao “livro de Moisés”. Outros textos do Novo Testamento também apóiam esta idéia (Jo 7:19; At 3:22-23; Rm 10:5). Segundo Kaiser Jr. (1990, p. 287-288), as evidências internas são prioritárias na definição da autoria.

É importante ressaltar que nem todos os conservadores acreditam que Moisés escreveu pessoalmente todo o Êxodo. Cole (1990, p. 45) diz que provavelmente trata-se de uma combinação de fontes mosaicas escritas e de material de origem mosaica transmitido oralmente.

Outros argumentos a favor da autoria mosaica: (1) todo o Pentateuco contém características idênticas de estilo e essas peculiaridades são ao mesmo tempo distintas do restante do Antigo Testamento (Keil e Delitzsch, 1986, p. 17-28); (2) em todo o esboço de Êxodo, nota-se que o livro foi composto e planejado por uma única mente e não se trata de uma obra grosseira de retalhos. A ordem lógica e a fidelidade ao grande tema da aliança, revelam a perícia de um autor único e de grandes dotes (Archer Jr., 1991, p. 136-137); (3) devido às vívidas descrições do texto, o autor foi claramente uma testemunha ocular dos eventos (Cox, 1969, p. 171-172); (4) o autor informa costumes detalhados do povo de Israel e demonstra íntimo conhecimento da terra e da rota do êxodo, o que corrobora a idéia de que o autor era um judeu educado, que em algum momento viveu no Egito (ver At 7:22) e que era familiarizado com parte da Península do Sinai (Horn, 1979, p. 351); (5) o Pentateuco contém a maior porcentagem de palavras egípcias de todo o Antigo Testamento e arcaísmo que remetem o texto ao tempo da 18ª Dinastia, a época mais provável em que Moisés viveu (Archer Jr., 1991, p. 506).

Mas de acordo com os críticos, como Rowley (1963, p. 16-30), Fohrer (1978, p. 189), Soggin (1989, p. 95), Durham (1993, p. 214-215), Rylaarsdam (1952, p. 833-835) e Honeycutt Jr. (1986, p. 369-370), o livro de Êxodo apresenta-se como uma coletânea de Documentos Javistas, Elohistas e Sacerdotais. Estas fontes seriam de uma data bem posterior aos eventos narrados e consistiriam num trabalho de indivíduos distintos, tanto geograficamente quanto funcionalmente (ibid, p. 369). Estes registros teriam sido juntados por algum judeu anônimo, em um lugar significativo ou centro de adoração (Honeycutt Jr., 1986, p. 374).

Durham (1993, p. 214-215) apóia esta idéia, embasado na estrutura do livro. Segundo ele, Êxodo tem caráter de miscelânea. Afirma que a descontinuidade e a disparidade do conteúdo, estilo e organização, são o resultado inevitável da variedade de fontes. Rowley (1963, p. 30) também apresenta anacronismos em todo o Pentateuco. Entretanto, Archer Jr. (1991, p. 495) argumenta que os críticos muitas vezes criam discrepâncias ao interpretar passagens fora do contexto, apresentando a diversidade de fontes como aparente solução.

Young (1989, p. 33) assevera que mesmo diante de tantas interpretações atuais, a tradição ainda é o ponto de vista mais correto e a autoridade mosaica pode ser mantida. As evidências internas são claras, assim como a linha lógica do raciocínio em todo o livro. Acontece que, muitas vezes, como no caso da perícopes analisada no capítulo II, os defensores da Teoria das Fontes não enxergam uma conexão entre as várias partes de Êxodo, o que uma leitura atenciosa

do texto parece tornar óbvio. Dessa forma, a visão adotada neste trabalho será a de que Moisés é o autor de todo o livro de Êxodo.

3.1.2. Data

A data da composição do livro de Êxodo depende do período em que ocorreu o evento do êxodo de Israel. A partir da Bíblia, pode-se inferir a data do êxodo por volta de 1446 a.C. As evidências internas apontam para a 18^a dinastia do Egito. De acordo com 1 Rs 6:1, o quarto ano do reinado de Salomão (967 a.C.) ocorreu 480 anos depois da libertação de Israel, o que colocaria o êxodo em cerca de 1446 a.C. Outro texto que indica esta data é Jz 11:26. Neste trecho, Jefté (em cerca de 1100 a.C.) afirma que o povo de Israel já ocupava a Palestina há 300 anos, também colocando o êxodo no século XV a.C. Esta data aproximada é adotada por teólogos como Horn (1979, p. 348), Shea (1982, v. 2, p. 230-238), Meyers (1987, p. 364) Kaiser Jr. (1990, p. 290), Archer (1991, p. 137) e Malick (2005).

No entanto, muitos teólogos modernos postergam o êxodo para uma data entre 1290 e 1225 a.C., baseados na cronologia egípcia (Haines, 1969, p. 165-168). Tradicionalmente, a alta crítica adota essa data posterior e desloca a data da finalização do livro de Êxodo entre os séculos IX e V a.C. (Ver Archer Jr., 1991, p. 507). Os defensores do método crítico-histórico tentam harmonizar os faraós Seti I (1305-1290 a.C.) e Ramessés II (1290-1213 a.C.), com o período do êxodo (ver LaSor, Hubbard e Bush [eds], 2002, p. 64-65). Moisés teria, então, vivido no período da 19^a dinastia, meados do século XIII a.C., período em que estes faraós governaram (Para mais detalhes sobre a discussão sobre a data do êxodo, ver Shea, 1982, p. 230-238; Archer, 1991, p. 139-152; Seiglie, 2005; Bratcher, 2005).

Essa datação tardia ao livro de Êxodo leva autores como Bernhard W. Anderson (1965, p. 6) a afirmarem que o relato bíblico não apresenta fatos históricos, já que tem o objetivo de glorificar a Yahweh e não simplesmente contar a história. A partir daí, outros teólogos modernos negam o evento do êxodo, como Albrecht Alt e Martin Noth, tratando-o como lenda (ver Miller, 2004, p. 42-47). Os teólogos chamados minimalistas também não crêem na literalidade do êxodo, nem em nada relacionado ao povo de Israel. Para eles, Israel é um produto da imaginação pós-exílica, fruto de um desejo de prover uma identidade à província de judeus na Pérsia (Fenton e Oded, 2003, p. 78).

Diante das diferentes posições quanto à data da redação do livro de Êxodo, este estudo adotará o século XV a.C. Esta conclusão deve-se às evidências internas do livro e aos argumentos mais sólidos dos conservadores ante às especulações dos liberais.

3.1.3. Contexto histórico, político, social e religioso

Os israelitas viviam uma recente emancipação. Nos tempos de José, os israelitas receberam as áreas mais férteis do delta do Nilo para pastorear. Neste período o Egito era governado pelos hicsos, invasores que também eram um povo pastoril da região da Mesopotâmia (Schultz, 2002, p. 49). Entretanto, com a expulsão dos hicsos, os governantes egípcios escravizaram os israelitas. Eles não conheciam a José ou não se interessavam pelos seus descendentes (ibid). Os israelitas foram designados a trabalhos árduos, como a construção das cidades egípcias de Pitom e Ramsés (Êx 1:11).

Moisés, então, surge neste cenário, ora como um bebê indefeso, ora como o libertador escolhido por Deus. A despeito da posição firme de faraó em não libertar os escravos, o povo de Israel é livre depois de dez pragas enviadas por Deus sobre o Egito e a conseqüente autorização de faraó (Êx 12:31). Após a saída de todo o povo, faraó decide persegui-los e matá-los. No entanto, Deus intervém em favor os israelitas, abrindo miraculosamente o mar à sua frente e fechando-o em seguida sobre as tropas egípcias (Êx 14:15-31).

Quanto à rota seguida pelos israelitas, Schultz (ibid., p. 52) alega que ela foi provavelmente determinada por Deus. Segundo ele, uma rota direta, como costumeiramente usada para propósitos militares e comerciais, teria levado o povo à terra prometida em 15 dias. Acontece que os escravos libertos formavam cerca de dois milhões de pessoas. No senso levantado por Moisés, em Nm 1:46, contou-se 603.550 homens capazes de ir a guerra. O desvio para o Sinai não tinha apenas objetivo militar, mas tratava-se também de tempo e oportunidade para organização.

Mas o desvio da rota para o Sinai objetivava, principalmente, o encontro de Israel com Deus para a doação de sua Lei. Envolvidos aproximadamente quatro séculos com a religião politeísta do Egito, repleta de mitos e credices, os israelitas precisavam reaprender as leis de Deus. No Sinai, Yahweh firmou um pacto com o povo. Este pacto compreendia o decálogo, preceitos que visavam a santificação da vida, a construção do tabernáculo, organização do sacerdócio, instituição das oferendas e observância de festas e solenidades (ibid., p. 55).

3.2. CONTEXTO ESPECÍFICO

Para alguns teólogos, Êx 31:12-17 está fora de contexto. Harrison (1991, p. 571), por exemplo, argumenta que esta seção sobre o sábado poderia pertencer originalmente a algum fragmento representado por Êx 35:1-3. Entretanto, numa análise mais profunda da passagem, percebe-se que esta instrução para a observância do sábado segue a ordem de Yahweh (Êx 27:20, 31:11) para o santuário e o seu serviço (Êx 25:1-31:11). Segundo Hasel (1982, p. 33-34), a comunicação divina já tinha esboçado em detalhes o trabalho para ser feito na edificação do tabernáculo e assim, em Êx 31:12-17, Yahweh traz as seguintes conclusões: (1) conecta o sábado e o santuário (cf. Lv 19:30); (2) especifica detalhes sobre o sábado revelado na primeira vez; e (3) relembra o povo dos limites do trabalho: “Seis dias devem ser para trabalhar, mas o sétimo dia é sábado de solene descanso, santo ao Senhor; quem fizer qualquer trabalho no sétimo dia será punido com a morte” (Êx 31:15).

Em relação ao vínculo entre o santuário e o sábado, o teólogo judeu Grilak (1998, p. 109) mostra que há uma forte ligação teológica entre os dois temas. Para ele, a severidade em torno da observância do sábado tinha o objetivo de revelar aos israelitas a dimensão correta deste dia sagrado. Grilak mostra o *shabat* (“sábado”) como o tabernáculo individual de cada pessoa. Assim, o *shabat* é um santuário no tempo, enquanto o tabernáculo é um santuário no espaço. Tempo e espaço são as duas dimensões nas quais o homem movimenta-se durante sua vida¹. Doukhan (1991, p. 162) chama a atenção para mais um fator que liga o *shabat* e o tabernáculo. O primeiro relato do tabernáculo termina com o mandamento do sábado (31:12-17) e o segundo relato desta construção começa com o mandamento do sábado (35:1-3).

Quanto ao terceiro ponto enfatizado por Hasel, Jamieson (2005) sugere que a inserção da perícopa é um lembrete aos trabalhadores do tabernáculo. Afirma que eles estavam expostos ao pensamento de que a ereção do santuário, como trabalho santo, poderia ser continuado no sábado. Assim, a instrução de Yahweh deixa clara a proibição de trabalhos costumeiros no dia sagrado, inclusive a construção do santuário.

3.3. CONCLUSÃO PARCIAL

Constatou-se que Êxodo foi escrito por Moisés no século XV a. C., após a libertação do

¹ Este pensamento foi primeiramente apresentado por Heschel (2004, p. 45-46). Ele enfatiza a idéia do *shabat* como um santuário no tempo e diz que até hoje os *shabatot* (“sábados”) são as grandes catedrais judaicas. Afirma que o homem sempre foi voltado para a espacialidade, mas Deus sempre priorizou a adoração no tempo (ibid., p. 16-20).

cativo egípcio. Verificou-se também que logo no início da peregrinação pelo deserto, Yahweh fez com que o povo parasse no monte Sinai para lhes dar Suas leis e firmar a aliança. Ao terminar as instruções sobre a construção do tabernáculo, Yahweh mencionou o descanso sabático, destacando sua santidade, observância incondicional e função distintiva. Assim, historicamente e no contexto específico, este capítulo mostra o destaque dado por Yahweh ao sábado como sinal da aliança com Yahweh e seu povo.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

4.1. GÊNERO LITERÁRIO

O livro de Êxodo é uma interação entre *narrativa* e *lei* (Childs, 1980, p. 174). A divisão entre estes dois gêneros literários é praticamente uniforme. Os primeiros dezenove capítulos são quase totalmente narrativos, exceto uma pequena porção legal em 12:14-27, 42-49; 13:1-16. Os capítulos seguintes do livro são abundantemente caracterizados pelo gênero *lei*, exceto o capítulo 24, que descreve a adoção do concerto, e os capítulos 33 a 34, que descrevem a rebelião do povo, a intercessão de Moisés, e a renovação da aliança (MacRae, 1976, p. 437). E a perícopes em estudo, como se nota, situa-se dentro da seção legal.

4.2. FORMA LITERÁRIA

Toda a perícopes reflete forma literária de instrução. Desde o capítulo 25, Moisés recebe instruções detalhadas de Yahweh em relação ao tabernáculo, mobílias e sacerdócio (Cole, 1990, p. 182). O fato de Yahweh habitar entre o povo de Israel exigiu responsabilidades e cuidados especiais. A seção de 31:12-17 enfatiza que a presença divina deveria ser especialmente lembrada em um período sagrado de tempo (Durham, 1987, p. 350-351).

4.3. ESTRUTURA LITERÁRIA

4.3.1. Estrutura do livro (Adaptado de Kaiser Jr., 1990, v. 2, p. 297-299):

Quanto à estrutura literária do livro, três palavras sintetizam todo o conteúdo do livro: redenção, moralidade e adoração. Tanto na seção da moralidade divina (19:1 a 24:18), quanto da adoração divina (25:1-40:38), o sábado aparece em destaque, como símbolo do Deus Criador. Nessa última divisão, o sábado e o santuário são colocados lado a lado como as duas formas instituídas por Yahweh para adoração, imediatamente seguidas pelo relato do bezerro de ouro (32:1-34:35), símbolo da adoração instituída por homens.

- I. Redenção divina (1:1 a 18:27)
 - A. O cumprimento da multiplicação e a erradicação forçada (1:1-22)
 - 1. A promessa de aumento(1:1-7)
 - 2. A primeira perseguição (1:8-14)
 - 3. A segunda perseguição (1:15-22)
 - B. Preparações para a libertação (2:1 a 4:26)
 - 1. Preparando um líder (2:1-10)
 - 2. Estendendo o tempo de preparação (2:11-22)
 - 3. Preparando o povo para a libertação (2:23-25)
 - 4. Chamando um libertador (3:1 a 4:17)
 - 5. Fazendo objeções inadequadas (3:11-4:17)
 - 6. Preparando a família do líder (4:18-26)
 - C. Primeiros passos em liderança (4:27-7:5)
 - 1. Reforçado pelo irmão (4:27-31)
 - 2. Recusado pelo inimigo (5:1-14)
 - 3. Recusado pelos escravos (5:15-21)
 - 4. Revisitado pelas antigas objeções (5:22-23)
 - 5. Reforçado pelo nome de Deus (6:1-8)
 - 6. Lembranças da origem humilde de Moisés (6:9-7:5)
 - D. Julgamento e salvação através das pragas (7:6-11:10)
 - 1. Apresentação dos sinais da autoridade divina (7:6-13)
 - 2. As dez pragas (7:14-11:10)
 - E. A Páscoa (12:1-28)
 - 1. Preparativos para a Páscoa (12:1-13)
 - 2. Preparativos para os Pães Asmos (12:14-20)
 - 3. Celebração da Páscoa (12:21-28)
 - F. O êxodo do Egito (12:29-51)
 - 1. Morte à meia-noite (12:29-32)
 - 2. Preparativos para o êxodo (12:33-36)
 - 3. O êxodo e a multidão mista (12:37-51)
 - G. Consagração dos primogênitos (13:1-16)
 - H. Jornada para o Mar Vermelho (13:17-15:21)
 - 1. No deserto (13:17-22)
 - 2. Ao Mar Vermelho (14:1-14)
 - 3. Através do Mar Vermelho (14:15-31)
 - 4. Cântico ao mar (15:1-21)
 - I. Jornada para o Sinai (15:22-18:27)
 - 1. As águas de Mara (15:22-27)
 - 2. O maná e as codornizes (16:1-36)
 - 3. As águas de Meribá
 - 4. A guerra de Amaleque (17:8-16)
 - 5. A sabedoria de Jetro (18:1-27)
- II. Moralidade Divina (19:1 a 24:18)
 - A. O discurso das asas da águia (19:3 a 20:21)
 - B. A manifestação de Deus no Sinai (19:9-25)
 - C. O decálogo (20:1-17)

- D. A reação do povo à teofania (20:18-21)
- E. O livro da Aliança (20:22-26)
 - 1. Prólogo (20:22-26)
 - 2. Leis sobre escravos (21:1-11)
 - 3. Leis sobre homicídio (21:12-17)
 - 4. Leis sobre injúrias físicas (21:18-32)
 - 5. Leis sobre danos à propriedade (21:33-22:15)
 - 6. Leis sobre sociedade (22:16-31)
 - 7. Leis sobre a justiça e sociabilidade (23:1-9)
 - 8. Leis sobre períodos sagrados (23:10-19)
 - 9. Epílogo (23:20-33)
- C. Ratificação da Aliança (24:1-18)

III. Divina adoração (25:1-40:38)

- A. O tabernáculo (25:1 a 31:18)
 - 1. Coleta de materiais (25:1-9)
 - 2. A arca e o propiciatório (25:10-22)
 - 3. A mesa dos pães da proposição (25:23-30)
 - 4. O candelabro (25:31-40)
 - 5. As cortinas, a estrutura, o véu e o reposteiro (26:1-37)
 - a. As cortinas do tabernáculo (26:1-14)
 - b. A estrutura do tabernáculo (26:15-30)
 - c. O véu do tabernáculo (26:31-35)
 - d. O reposteiro do tabernáculo (26:36-37)
 - 6. O altar de holocausto (27:1-8)
 - 7. O átrio (27:9-19)
 - 8. Sacerdócio (27:20-28:5)
 - 9. As vestes sacerdotais (28:6-43)
 - 10. Ordenanças aos sacerdotes (29:1-46)
 - 11. O altar de incenso (30:1-10)
 - a. Instruções para construção (30:1-6)
 - b. Instruções para operação (30:7-10)
 - 12. Impostos (30:11-16)
 - 13. A bacia, o azeite de ungir e o incenso (30:17-38)
 - 14. O chamado dos artífices (31:1-11)
 - 15. **Exortação ao descanso sabático** (31:12-17)
 - 16. Conclusão das instruções (31:18)
- B. Falsa adoração do Bezerro de ouro (32:1-34:35)
 - 1. O bezerro de ouro (32:1-29)
 - 2. A mediação de Moisés (32:30-35)
 - 3. A ameaça de separação e a oração de Moisés (33:1-23)
 - 4. Renovação da Aliança
- C. Construção do tabernáculo (35:1-40:38)
 - 1. **Exortação ao descanso sabático** (35:1-3)
 - 2. Intimação para a construção do tabernáculo (35:4-19)
 - 3. Ofertas voluntárias (35:20-29)
 - 4. Bezalel e seus artífices (35:30-36:7)

5. Erguimento do tabernáculo (40:1-33)
6. Dedicção do tabernáculo (40:34-38)

4.3.2. Estrutura da perícope

A perícope de Êx 31:12-17 apresenta uma forma quiástica. Nesta seção, a estrutura propõe uma tensão dialética entre a vida, por meio da santificação, e a morte, por meio da quebra do pacto (A, vida; B, morte; B1, morte; A1, vida). Esta tensão dual é característica do concerto (Dt 30:11-20). Observe a estrutura sugerida por Doukhan (1991, p. 161-162):

Introdução: Yahweh diz para Moisés transmitir a mensagem (v. 12)

- A O sábado é um sinal entre Yahweh e Israel, e deve ser santificado (v. 13)
- B A profanação do sábado implica em morte (v. 14)
- B¹ A profanação do sábado implica em morte (v. 15)
- A¹ O sábado é um sinal entre Yahweh e Israel, e deve ser santificado (vv. 16 e 17)

4.4. FIGURAS DE LINGUAGEM

A perícope em estudo apresenta apenas uma figura de linguagem. A expressão שִׁנָּפַח foi traduzida neste estudo como “e descansou” (Êx 31:17). Literalmente, este termo significa “tomou fôlego”, “renovou-se”. Em Êx 23:12, essa mesma expressão é usada em referência à necessidade de descanso para os escravos e forasteiros no sábado. Entretanto, em Êx 31:17, o próprio Yahweh usou a expressão “e descansou” em referência a si mesmo. Young (apud Gordon, 1979, p. 181) sugere aqui uma *antropopatia*, onde Deus se identifica com o ser humano, fazendo coisas que este deve fazer. Para Young, a linguagem deste texto é propositalmente direta e forte. O objetivo é que o homem entenda sua própria relação com o sábado baseada na ação de Yahweh ao interromper suas atividades costumeiras no sábado. O fato de Yahweh usar linguagem antropopática, adaptada à experiência humana, mostra a intenção divina de impressionar seu povo sobre a obrigação e necessidade de seguir seu exemplo. A mesma intenção divina parece estar por detrás do batismo de Jesus, quando ele participa da cerimônia para identificar-se com o povo e deixar um modelo a ser seguido (Hagner, 1993, p. 57), e de João 13:13-15, quando Jesus lava os pés dos seus discípulos com o objetivo de também dar um exemplo (Nichol [ed.], 1978, v. 1, p. 662).

4.5. CONCLUSÃO PARCIAL

Neste capítulo constatou-se que a perícopes encaixa-se no gênero de *lei* e apresenta forma literária de instrução de Yahweh. A estrutura literária coloca o trecho sobre o sábado dentro das instruções sobre a adoração a Yahweh. O sábado e o tabernáculo aparecem em conjunto em relação à forma correta de se adorar a Deus. O contraste com a falsa adoração é imediatamente apresentado no relato sobre o bezerro de ouro (32:1-34:35). No esboço do livro nota-se que Moisés deu destaque a esta porção legal, ao transcrevê-la de maneira trabalhada, como um quiasmo. Percebe-se também que Deus quis chamar a atenção para este mandamento, proferindo-o como a última lei a Moisés no Sinai, repetindo o que já dissera no decálogo: “Lembra-te do dia de sábado para o santificar” (20:8). O sábado torna-se um prelúdio da doação do decálogo (31:18). Também percebe-se que o primeiro relato do tabernáculo termina com o mandamento do sábado (31:12-17) e o segundo relato desta construção começa com o mandamento do sábado (35:1-3). As variadas ênfases no mandamento do sábado parecem indicar sua importância. Por fim, o antropatismo “descansou” no final do versículo 17, não indica uma necessidade de renovação física de Yahweh, mas um ato com o objetivo de dar um exemplo à humanidade.

CAPÍTULO V

CONTEXTO LÉXICO-SINTÁTICO, TEMÁTICO E TEOLÓGICO

5.1. ANÁLISE LÉXICA

Este capítulo pretende analisar os termos אֹת ("sinal") e שַׁבָּת ("sábado"). Para tanto, serão considerados os contextos do verso, da perícopes, dos livros do mesmo autor, e do Antigo e Novo Testamento.

Como substantivo masculino singular, אֹת aparece 78 vezes no Antigo Testamento (Helfmeyer, 1974, p. 168). De acordo com Schökel (1997, p. 37), אֹת significa sinal que se dá ou se faz para distinguir, reconhecer, recordar, significar, provar, comprometer. Afirma também que o sentido é especificado conforme a função do termo. Assim, אֹת é traduzido em diversos contextos por: “milagre” (Êx 4:8; Jz 6:17), “memorial” (Js 4:6), “prova” (2 Rs 20:8; Sl 86:17; Is 7:11, 14), “alerta” (Ez 4:3) e “sinal” de uma aliança de relacionamento (Gen 9:12, 13,17; 17:11; Ex 31:12, 17 e Ez 20:12, 20), como é o caso do texto em estudo (Turner, 1975, v. 5, p. 429). Nesta classificação, Myers (1987, p. 948-949) relaciona o sábado com o arco-íris (Gen 9:12, 13,17) e com a circuncisão (Gen 17:11). Segundo Fries (1971, p. 238), um sinal não tem significado em si mesmo, mas aponta para outra realidade. No Novo Testamento, o correspondente grego a אֹת é σημείον, usado 72 vezes, significando “milagre”, “sinal de alerta” e “prova” (Bentes e Champlin, v. 6, p. 288).

O segundo termo a ser analisado é שַׁבָּת. Refere-se ao sétimo dia da semana, o único dia que recebe nome na Bíblia. Significa literalmente “cessação”, “parada”, “descanso” (Schökel, 1997, p. 657). Aparece 100 vezes no Antigo Testamento e 60 no Novo Testamento, como σάββατον.

5.2. O CONTEXTO DAS PALAVRAS NO VERSO

O termo אֹת está ligado primeiramente ao relacionamento entre Yahweh e os filhos de Israel. Aqui este sinal aparece de modo particular, aplicado diretamente a esse povo. Além de um sinal de relacionamento da aliança, o sábado aparece como um sinal distintivo do verdadeiro povo de Yahweh.

A segunda expressão ligada a אֱלֹהִים é o termo עָלְמָיִם, traduzido no texto como “perpétuo”. Esta palavra, embora freqüentemente traduzida por outros sinônimos, como “para sempre”, “eternidade”, significa basicamente “o tempo mais remoto” (Smith, 2001, p. 153). Isso pode se referir ao passado ou ao futuro. Entretanto, nada na palavra em si especifica quão remoto é o tempo a que se refere. Tal informação deve ser encontrada no contexto. O termo עָלְמָיִם, na maioria das vezes, não deve ser compreendida como “eternidade”, “sem fim”, no sentido filosófico. Muitas vezes no Antigo Testamento, “eterno” significa “tudo quanto se consegue enxergar ou compreender e além” (id.). Entretanto, algumas vezes עָלְמָיִם refere-se à “eternidade”, como em Gn 21:33, quando é usada em sentido atributivo a Deus: אֱלֹהֵי עָלְמָיִם (MacRae, 1998, p. 1127). Assim, nota-se que עָלְמָיִם pode significar tanto algo perpétuo como de duração limitada.

Em terceiro lugar, אֱלֹהִים liga-se ao final do versículo, onde é dado o seu motivo: “Porque em seis dias Yahweh fez os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou”. Aqui o sinal apresenta caráter universal, em contraste com o início do versículo que apresenta caráter particular. Aqui o sinal aponta para a criação da Terra e para a ação de Yahweh ao cessar o trabalho (שָׁבַת) e descansar (וַיִּנְפֹּשׂ).

Já o termo שָׁבַת é mencionado em Êx 31:16 e no versículo 17 aparece implicitamente: “Entre mim e os filhos de Israel [o sábado] é um sinal perpétuo”. Yahweh dirige-se particularmente ao povo de Israel. Este verso mostra o sábado como um simbolismo. Ele é um sinal que aponta para o povo que vive em aliança com Yahweh. Esse sinal é apresentado como perpétuo (ver explicação sobre עָלְמָיִם acima). A razão dada por Yahweh para a existência desse sinal é a criação do mundo e sua cessação e descanso no sétimo dia. A palavra traduzida como “cessar” é שָׁבַת, da mesma raiz de שָׁבַת (“sábado”). Esta passagem faz alusão à instituição do sábado na criação, enfatizando seu gênero universal.

5.3. O CONTEXTO DAS PALAVRAS NA PERÍCOPE

Em Êx 31:12-17, o termo אֱלֹהִים está ligado à santidade. O sábado deveria ser um sinal de separação de povo de Deus do mundo pagão. Ao observar o sábado, dedicando o dia à exclusiva adoração a Yahweh, Israel compreenderia que Yahweh é que os santificava. Portanto, o sábado também representa um memorial do Deus criador.

Quanto à expressão שָׁבַת, no início do discurso de Yahweh ela aparece ligada ao termo וְאֵלֶיךָ (“certamente”). Este advérbio enfático também significa “obviamente”, “evidentemente” (Kirst, 2004, p. 78). Yahweh começa a instrução sobre o sábado de modo incisivo. Além disso, Yahweh

usa a expressão שַׁבְּתֹתַי (“meus sábados”). O pronome possessivo “meus” dá ao sábado um sentido ainda mais santo e salienta sua origem divina.

No versículo 13 e 16 o sábado é ordenado por Yahweh ao povo de Israel “nas suas gerações”. Novamente acontece o conceito de particularidade, contrastada com a universalidade do sábado apresentada no fim do verso 17.

O sábado também liga-se a idéia de santidade. Enquanto o versículo 17 apresenta a criação e exemplo divino como motivo para a observância do sábado, o versículo 13 revela o objetivo: “Para que saibais que eu sou Yahweh, que vos santifica”. A santificação relaciona-se com a essência da vida. Em contraste, o sábado também liga-se na perícopa ao tema da morte. Nem mesmo a negligência da circuncisão, ainda que envolvesse a rejeição do pacto abraâmico, mosaico e implicasse na perda de todos os benefícios da teocracia, foi constituída como delito capital. A pena de morte aplicada à transgressão da lei do sábado, com esta distinção, foi elevada muito acima dos meros mandamentos positivos. Foi-lhe dado o caráter especial não só de importância primordial, mas também de santidade especial (Hodge, 2001, p. 1264).

5.4. O CONTEXTO DAS PALAVRAS NO LIVRO

No início do livro de Êxodo, Yahweh miraculosamente tira seu povo do meio do Egito, uma nação idólatra. Então, Yahweh dá a Israel um אִיָּהּ (“sinal”) de santidade, separação, para distinguir seus filhos dos adoradores dos outros deuses. Tanto no fim do quarto mandamento (Êx 20:11), quanto em Êx 31:17, a razão dada para a observância está enraizada na criação e a terminologia do texto aponta para Gn 2:1-3. No decálogo lê-se: “Porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”. Horn (1979, p. 960) argumenta que, no Antigo Testamento, distinguia-se o verdadeiro Deus dos falsos deuses através do seu poder criador. Ele cita Sl 96:5 como exemplo: “Porque todos os deuses dos povos não passam de ídolos; o Senhor, porém, fez os céus”. Dessa forma, o sábado é um sinal de relacionamento entre o verdadeiro Deus criador e suas criaturas. Enquanto os israelitas permanecessem observando o sábado, eles continuariam se relacionando com Yahweh como seu Deus. Daí tanta ênfase no mandamento do sábado.

Outro aspecto importante pode-se destacar do início do livro. Os primeiros 19 capítulos de Êxodo são um preâmbulo para a doação da Lei de Deus; e dentro da Lei, o שַׁבָּת (“sábado”)

aparece com uma distinção especial (Êx 20:8-11), sendo o mais detalhado dos dez e diversas vezes repetido (Êx 23:12; 31:12-17; 34:21; 35:1-2).

É no livro de Êxodo que ocorre a primeira aparição do termo שָׁבַת. Em Êx 16:22-36 é narrado o episódio do maná. Segundo a ordem de Yahweh, o maná deveria ser colhido em dobro no sexto dia, de modo que houvesse alimento suficiente para o sábado. Em todos os dias o maná caía do céu e podia ser recolhido pelos israelitas, menos no sábado (16:25). Mesmo ante as instruções divinas, “ao sétimo dia, saíram alguns do povo para o colher, porém não o acharam” (16:27). Diante desta desobediência, Yahweh disse: “Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis? Considerai que o Senhor vos deu o sábado; por isso, ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (16:29). E o texto continua: “Assim, descansou o povo no sétimo dia” (16:30). Esta passagem bíblica mostra que o sábado já era observado antes da doação da Lei.

Antes de Êx 16, há uma passagem que parece fazer alusão ao שָׁבַת. Em Êx 4:18-31, Moisés e Arão chegam ao Egito dispostos a libertar o povo de Israel. No capítulo 5, os dois irmãos comparecem à presença do Faraó do Egito para pedir que o povo vá celebrar uma festa a Deus no deserto. Faraó nega o pedido e acrescenta: “O povo da terra já é muito, e vós o distraís das suas tarefas” (Êx 5:5). A expressão traduzida pela Almeida Revista e Atualizada como “e vós o distraís”, é וַיִּשְׁבְּתוּם no original. Trata-se do verbo שָׁבַת (“cessar”, “descansar”) na segunda pessoa do masculino plural do Perfeito Hiphil. O texto parece indicar uma menção ao descanso sabático dos escravos israelitas. Antes de falar com faraó, Arão e Moisés conversam com o povo, fizeram sinais à vista dele e este creu que eles haviam sido enviados por Yahweh (4:29-31). Foi neste período que Arão e Moisés fizeram uma reforma entre o povo, incluindo a observância do sábado que quase se extinguiu durante os anos de escravidão. Prova disso é que esse fato chamou a atenção do faraó (Nichol [Ed.], 1978, v. 1, p. 520). Este achou que a ociosidade é que estava fazendo os escravos pensarem em liberdade, e então deu-lhes mais serviço (5:6-9). Assim, notam-se no livro de Êxodo duas referências ao sábado antes da promulgação do decálogo.

Finalmente, no monte Sinal Yahweh dá a Lei em forma escrita ao povo. Como já foi visto, o próprio Yahweh já corrigira o povo que insistia em não guardar os seus mandamentos (Êx 16:29), como visto no relato do maná. Em Êx 16:30 constatou-se que o povo já guardava o sábado. O quarto mandamento (Êx 20:8-11), então, esclarece a questão da origem do sábado, remetendo-o à criação, do mesmo modo que Êx 31:17. Os Dez Mandamentos são dirigidos aos israelitas (20:1,2), sendo de caráter particular. Mas no texto do quarto mandamento, por exemplo,

a ordem para não trabalhar no sétimo dia também destina-se aos servos, animais e forasteiros (20:10). Este gênero inclusivo implica ao mesmo tempo num conceito de universalidade, somando-se à referência da criação, que também é universal. Essa universalidade do mandamento do sábado é evidenciada também pela referência direta que esse texto faz a Gênesis 2:1-3. A fraseologia semelhante nos dois textos indica intertextualidade, uma menção intencional do autor. Assim, o sábado é um sinal particular (para os filhos de Israel), mas de caráter universal e inclusivo (enraizado na criação e no descanso de todos).

5.5. O CONTEXTO DA PALAVRA NOS LIVROS DO MESMO AUTOR

A primeira ocorrência de **אֵלֶּיךָ** (“sinal”) no Pentateuco é em Gn 4:15. Neste verso Yahweh coloca um sinal em Caim para protegê-lo de qualquer ameaça de morte. Embora esse sinal não seja de uma aliança de relacionamento, sua idéia de distinção e proteção divina lança luz sobre o significado do sábado. Como um sinal, o sétimo dia deveria distinguir o verdadeiro povo de Yahweh e colocá-lo sob a proteção e bênçãos divinas.

Além do texto da perícopé (Êx 31:12-17), as outras duas menções a um **אֵלֶּיךָ** de relacionamento entre Yahweh e seu povo, no Pentateuco, referem-se ao arco-íris (Gn 9:12,13,17) e à circuncisão (Gn 17:11). O sinal do arco-íris insere-se na aliança de Yahweh com Noé. Após o dilúvio, Yahweh diz que “não será mais destruída toda a carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra” (Gn 9:11). Assim, como sinal de sua promessa, ele afirma: “Porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da minha aliança entre mim e a terra” (v.13).

Noé e sua família eram os únicos habitantes da Terra. Assim, ao estabelecer o arco-íris como “sinal da aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações” (v.12), Yahweh firmou um pacto universal. Várias expressões confirmam o cunho universal dessa aliança: “com a vossa descendência, e com todos os seres que estão convosco: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra” (vv. 9b, 10); “e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações” (v.12); “será por sinal da aliança entre mim e a terra” (v.13); “então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda carne” (v.15); “vê-lo-ei e me lembrarei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda carne que há sobre a terra” (v.16).

É importante salientar que em Gn 6:18, antes do dilúvio, Yahweh antecipa o concerto: “Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança”. Esta é a primeira ocorrência do termo **בְּרִית**

(“aliança”) na Bíblia. Acontece que a expressão típica usada por Yahweh para fazer uma aliança é כָּרַת בְּרִית (“Cortar aliança”) e esta não aparece aqui. Diferentemente, o termo usado em relação à aliança é הִקִּים, traduzido como “manter” ou “confirmar” (Hasel, 1982, p. 31). Esta expressão é usada para ratificar palavras e acordos pré-existentes, como em Gn 26:3, Nm 30:14, Dt 9:5 e 2 Sm 7:25 (Wenham, 1987, p. 175). O estudo deste termo indica que Deus fizera um concerto com o homem anteriormente. Assim, a aliança com Noé seria a renovação das disposições firmadas com Adão e, por conseguinte, com toda a humanidade na criação – ou seja, os princípios universais que aparecem em Gn 1-3, entre eles, o sábado, como aparece em Gn 2:1-3 (Hasel, 1982, p. 31).

Já no relato de Gn 17:9-14, Yahweh dirige-se a Abraão ao firmar uma aliança. A circuncisão torna-se um sinal entre Abraão e a sua descendência. O texto bíblico apresenta esse concerto como particular, embora tenha também aspectos universais. Os participantes dessa aliança não eram somente os filhos carnis de Abraão, mas também “o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe” (v. 12). Percebe-se aqui o caráter inclusivo da aliança de Yahweh, e não exclusivo. A aliança com Abraão era uma promessa de que ele teria um filho (v. 16), sua descendência seria multiplicada extraordinariamente (v. 2), e Yahweh estabeleceria a sua aliança com eles (v. 7) e para sempre seria o Deus deles (vv.7-8). A descendência de Abraão representava uma linhagem que seria um canal de bênçãos o mundo. Isso enfatiza o alcance universal dessa aliança, apesar de seu caráter específico. Yahweh diz em Gn 12:3b: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

Em relação ao termo שָׁבַת, constatou-se neste estudo que sua primeira menção registra-se em Êx 16:22-36, mas que em Êx 5:5 é feita alusão do uso do verbo שָׁבַת, implicando que os israelitas já observavam o sábado no Egito, como visto na seção anterior. Entretanto, a primeira instituição do descanso na Bíblia é registrada em Gn 2:2,3 (Buckland, 1999, p. 386). Young (2003, p. 1421) assegura que a Bíblia atribui a origem do sábado ao exemplo divino na criação. Afirma que, embora não se encontre o termo שָׁבַת no relato da criação, ali ocorre a raiz de onde se deriva tal vocábulo. Em Gn 2:2 e 3 aparece o termo שָׁבַת, traduzido por “descansou” (Schökel, 1997, p. 657). Essa é a única referência ao sábado no livro de Gênesis. No entanto, o texto bíblico aponta a semana de sete dias a partir da semana da criação. Para Kidner (1991, p. 53), a santificação do sétimo dia é o principal argumento para a literalidade da semana da criação, questionada por teólogos modernos. Outros textos de Gênesis (7:4,10; 8:10,12; 29:27) também mencionam períodos de sete dias, o que indica a existência da semana semelhante aos dias de hoje (para discussão mais detalhada, ver Hasel, 1994, p. 5-38).

Young (2003, p. 1422) observa que há referências diretas ao sábado em cada um dos quatro últimos livros do Pentateuco. Segundo ele, Gênesis apresenta o descanso divino e os demais livros enfatizam a legislação sobre o sábado. Isso aponta para a importância desta instituição. Ele afirma que a legislação sabática é parte integral e essencial da lei básica do Antigo Testamento, o Pentateuco.

Com tanta importância, o decálogo é inserido duas vezes no Pentateuco (Êx 20 e Dt 5). Em Êx 20:10, a observância do sábado é imposta tanto aos israelitas, como a seus filhos, servos, animais e forasteiros. Essa universalidade do mandamento é confirmada com o verso 11, que aponta à criação como ocasião do início e motivo do descanso sabático.

Em Dt 5, o autor altera o final da repetição do texto de Êxodo, enfatizando a necessidade de os israelitas deixarem seus servos descansarem nos sábado. Dentro da aliança de Deus, os servos também são membros com certos direitos; um desses direitos é o descanso sabático. Essa ênfase é ainda mais interessante sob a luz da possibilidade de o povo de Deus ter observado o sábado durante a escravidão do Egito. Aqui existe uma inclusão semelhante à da casa de Abraão, onde os servos deveriam ser circuncidados (Gn 17:13). Nota-se o caráter universal da aliança.

Além das repetições do decálogo, pequenas inserções legais sobre o sábado são comuns em todo o Pentateuco. Às já mencionadas inserções de Êxodo (31:12-17; 35:2,3), somam-se os textos de Lv 16:31, 19:3 e 30, 23:3 e outras instruções sobre os holocaustos do sábado (Lv 23:12, 15-16), troca dos pães no Sábado (Lv 24:8) e o descanso anual de terra, também chamado de sábado (Lv 25:2,4; 26:34, 35, 36). O sábado está frequentemente associado às festas de Israel, sendo considerado um dia de santa convocação e para afligir a alma (Lv 23:27, 32, 38). O Pentateuco salienta a santidade do sábado e a punição para os transgressores. Em Nm, 15:32-26, um homem é encontrado apanhando lenha e é apedrejado por ordem direta de Yahweh.

Outro ponto a ser destacado, nos livros de autoria mosaica, é a conexão entre o sábado e o tabernáculo: “Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o Senhor” (Lv 19:30 e 26:2). Nestes dois versículos idênticos, aparecem juntas as duas maneiras de adoração a Yahweh: tempo e espaço, como estudado no capítulo IV deste trabalho.

5.6. O CONTEXTO DAS PALAVRAS EM OUTROS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

Fora do Pentateuco, **שַׁבָּת** como um sinal de relacionamento só aparece em Ez 20:12, 20. Estes dois versos são uma referência direta a Êx 31:13. Neste trecho do livro de Ezequiel, o próprio Yahweh fala como livrou o povo do Egito e os ensinou a não seguirem as “abominações

que se agradam aos olhos” e não se contaminarem com os “ídolos do Egito” (v.7). Yahweh também deu-lhes “estatutos”, “juízos” (v.11) e o sábado como um sinal entre ele e o povo de Israel (v.12). Entretanto, Yahweh relata como o povo de Israel afastou-se dele e praticou o mal. Dentre outras coisas terríveis, eles “profanaram grandemente os meus sábados” (v.13, cf. 16). Nesta passagem, Yahweh se apresenta como um Deus paciente e que sempre vai em busca do povo rebelde. Por meio do sábado ele quer santificar o povo (v.12) e mostrar que ele é o seu Deus (v.20), o Yahweh que os criou e que os libertou.

No Antigo Testamento, o termo שַׁבָּת também reflete essa tensão entre os planos de Yahweh e os desvios de seu povo. O שַׁבָּת ainda promove tensão entre temas de particularidade e universalidade. Estas e outras implicações serão expostas ao serem classificadas todas as referências do Antigo Testamento ao sábado, exceto as do Pentateuco, já analisadas.

O sábado foi dado para ser uma bênção e um dia de alegria àqueles que o observassem (Is 58:13,14). Yahweh fez o povo conhecer o sábado (Ne 9:4) e o tornou um dos sinais do relacionamento entre ele e seu povo (Ez 20:12, 20). O sábado deveria ser um dia separado para Yahweh, portanto, que excluía o trabalho profissional (Am 8:5; Ne 10:31; Jr 17:21, 22). Somente os levitas podiam trabalhar no sétimo dia, pois oficiavam no tabernáculo (2 Rs 11:5, 7, 9; 2 Cr 23:4, 8; Ne 13:22). O sábado era um dia para consultar os profetas (2 Rs 4:23). Era um dia de louvor, tendo um salmo específico para ele (Sl 92). Também era obrigação dos sacerdotes guardar o sábado (Ez 44:24). No Antigo Testamento, o sétimo dia aparece ligado ao santuário (Ez 23:38). A porta do átrio interior só se abria aos sábados e festas da lua nova (Ez 46:1). Ali as pessoas adoravam ao Senhor (Ez 46:3). Entre todas as festas, o sábado recebe destaque (Ez 44:24). Neste dia acontecia a troca dos pães da proposição (Lv 24:8; 1 Cr 9:32), sacrifícios especiais no templo (Nm 28:9-10; Ez 46:4-5) e holocaustos (1 Cr 23:31; 2 Cr 2:4; 2 Cr 8:13; 2 Cr 31:3; Ne 10:33; Ez 45:17; 46:4, 12). O sábado também vai além do tabernáculo e instaura-se nas casas (Lv 23:3). A idéia do descanso sabático, apresentada no Antigo Testamento, é tão ampla que engloba até o descanso da terra (Lv 25:1; 26:34-35; 2 Cr 36:21).

Apesar de Yahweh ter santificado e abençoado o sábado, o seu povo o profanou (Is 56:2-4). Fizeram neste dia uma mistura de iniquidade com solenidade (Is 1:13). A profanação do sábado aparece conjunta à profanação do tabernáculo (Ez 20:13, 16; 23:38). A quebra do sábado aparece como um dos motivos para o exílio (Ne 9:13-14; Jr 17:24,27; Ez 20:21,24; 22:8; Lm 2:6; Os 2:11). O Antigo Testamento relata que os próprios sacerdotes profanavam o sábado (Ez 22:26).

Isso era praticado também pelos reis, como Acaz, que em seus atos de idolatria retirou do Templo a plataforma do trono que era usado nos sábados (2 Rs 16:18).

Yahweh, todavia, usou pessoas para restabelecerem observância do sábado. Neemias foi uma delas (Ne 13:15-22). No livro de Isaías também encontra-se a restauração escatológica da observância do sábado e sua extensão a todas as pessoas, de acordo com a universalização da adoração do Deus de Israel (Is 56:2-7; 66:23). Estes textos imprimem a mesma idéia do salmo 105:7, como traduz a NTLH: “Ele é o Senhor, nosso Deus; os seus mandamentos são para o mundo inteiro”. Em Is 56:4 afirma-se: “Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança”. O mesmo é dito em relação aos estrangeiros: “Aos estrangeiros que se chegam ao Senhor, para o servirem e amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte” (Is 56:6, 7a). Aqui, o principal sinal dado para o povo de Yahweh é o sábado. Os que guardam o sábado recebem a sua aliança. Este texto refere-se ao sétimo dia de modo universal. Esta passagem apresenta um Deus inclusivo, que diz que sua “casa será chamada de Casa de Oração para todos os povos” (v.7b) e endossa: “Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos” (v.8). Por fim, num clímax do caráter universal do sábado, Is 66:23 apresenta “toda a carne” indo adorar ao Senhor “de um sábado a outro”.

5.7. O CONTEXTO DAS PALAVRAS NO NOVO TESTAMENTO

No grego, o equivalente para termo hebraico **אֵלֶּיךָ** é σημείον. Entretanto, no Novo Testamento, seu significado limita-se a “milagre”, “sinal de alerta” e “prova” (Turner, 1975, v. 5, p. 429). Somente em Rm 4:11 é mencionado o “sinal” da circuncisão de Abraão, que será analisado a seguir.

Como já estudado, a circuncisão foi um sinal particular, dado para uma linhagem específica, diferente do sábado e do arco-íris que foram dados de forma universal à humanidade. Em At 15, narra-se a história de pessoas que pregavam que os gentios conversos ao cristianismo deveriam ser circuncidados para serem salvos (v.1). Tiago argumenta que nessa questão não se devia “perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertessem a Deus” (v.19). A idéia não é que a circuncisão foi proibida, mas que ela não é obrigatória para os gentios. O próprio Paulo circuncidou a Timóteo, que era filho de mãe judia e pai grego, de modo a não ter barreiras na pregação aos judeus (At 16:3). Com base nestes fatos devem ser analisadas passagens como Gl 5:2, onde lê-se: “Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada

os aproveitará”. No próprio texto Paulo explica a quem ele dirige estas palavras: “vós que procurais justificar-vos na lei” (Gl 5:4). Paulo condena os que vêm na circuncisão uma forma de salvação. Assim, no Novo Testamento, a circuncisão mostra-se prática comum entre os descendentes carnis de Abraão, não sendo imposta como obrigação aos gentios que se converteriam ao Deus de Israel.

A expressão grega *σάββατον* (“sábado”) aparece 60 vezes no Novo Testamento como equivalente ao *שַׁבָּת* do Antigo Testamento. Na seqüência, classificaremos as ocorrências desses termos em seis grupos específicos: 1) Ataques dos escribas e fariseus; 2) Respostas de Jesus sobre suas ações no sábado; 3) Costumes sabáticos de Jesus; 4) Conselho de Jesus sobre o sábado; 5) Prática dos discípulos antes da ressurreição de Cristo; 6) Prática dos apóstolos depois da ressurreição de Cristo.

Um dos pontos mais nítidos no tema do sábado no Novo Testamento é oposição dos escribas e fariseus a Jesus. Estes se opunham às curas de Cristo nesse dia (Lc 13:14; Jo 5:16,18). Os doutores da lei afirmavam que era pecado curar no sábado, considerando-o um trabalho comum que poderia ser feito em qualquer outro dia. Chegaram a dizer que “esse homem não é Deus, porque não guarda o sábado” (Jo 9:16). Eles também importunavam as pessoas a quem Jesus curava (Jo 5:10) e ficavam à espreita para ver se Jesus curaria no sábado, para então o acusarem (Mt 12:10; Mc 3:2; Lc 6:7; 14:1). Além das curas, os escribas e fariseus reclamavam de Jesus e dos discípulos por colherem espigas no sábado (Mt 12:2; Mc 2:24; Lc 6:2), o que era proibido pela lei (Êx 34:21). Entretanto, o texto mostra que a intenção era saciar a fome dos discípulos, e não fazer colheita (Mt 12:1).

As respostas de Jesus são precisas. Ele mostra a contradição dos fariseus: Pegam o boi que cai no buraco (Mt 12:11,12; Lc 14:5) e fazem circuncisão no sábado (Jo 7:22,23), mas não permitem que uma pessoa seja curada. Na questão de colher espigas, Jesus começa mostrando a ignorância deles: “Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?” (Mt 12:3). Se foi lícito a Davi comer os pães que eram designados para um fim santo, porque os discípulos não podiam no sábado satisfazer sua fome? Jesus também apontou para o trabalho feito pelos sacerdotes do sábado (Nm 28:9-10). Se aplicados a serviços seculares, estes negócios seriam profanação do dia santo. Entretanto, como tratavam-se de ritos do plano de salvação, estes trabalhos encaixavam-se no contexto do sábado (White, 2005, p. 285). Entretanto, agora que o próprio Cristo estava com eles. “Os discípulos, fazendo a obra de Cristo, estavam empenhados no serviço de Deus, e o que era necessário à realização dessa obra, era direito fazer no dia de

sábado” (id.). O repouso do sétimo dia não exclui as obras de necessidade fisiológica que diz respeito à manutenção da vida (Stein Jr., 2001, p. 86). Em nenhum destes momentos Jesus transgrediu o sábado. Pelo contrário, ele dizia que era lícito fazer tais coisas no sábado (Mt 12:12; Mc 3:4; Lc 6:9; 14:3). Em Jo 15:10, Cristo assegura: “Eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai”, e outra vez diz: “Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei” (Mt 5:18). Na passagem profética de Is 42:21 também lê-se em respeito ao Messias: “Foi do agrado do Senhor, por amor à sua própria justiça, engrandecer a lei e fazê-la gloriosa”. Nota-se, então, que conflitos com os líderes religiosos decorriam de uma compreensão diferente do que seria lícito ou não fazer no dia de sábado. A compreensão desses líderes judeus era baseada no conceito de que à vista de Deus o sábado era mais importante que o próprio homem (Nichol [Ed.], 1978, v. 5, p. 589). Acontece que Yahweh não criou o homem porque ele já havia criado o sábado e precisava de pessoas para o observarem. Na verdade, o Criador fez o homem e, em sua sabedoria, sabia que ele necessitaria de um dia para crescimento moral, espiritual e desenvolvimento do caráter (ibid, p. 588). Por isso é que o sábado foi feito. Assim, Jesus afirma: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2:27). Nestas palavras, Cristo apresenta o sábado como dado ao ἄνθρωπος, termo grego que de modo genérico significa “humanidade” (id.). Complementa ao garantir que ele “é o senhor também do sábado” (Mt 12:8; Mc 2:28; Lc 6:5), ressaltando que como criador do homem e do sábado, ele é quem decidiu a relação entre os dois.

A despeito das críticas e perseguições, Jesus continuou a guardar o sábado do seu modo. Ele freqüentava e ensinava nas sinagogas (Mc 1:21; 6:2; Lc 13:10; 4:16,31; 6:6). Também andava pelo campo com seus discípulos (Mt 12:1; Mc 2:23; Lc 6:1) e comia na casa de fariseus (Lc 14:1) e lá lhes contava parábolas (Lc 14:7-17:10). Neste local ele curou um hidrópico (Lc 14:2-4) e provavelmente, no mesmo dia, dez leprosos (Lc 17:11-15). Em outros sábados, Jesus curou uma mulher com fluxo de sangue (Lc 13:15, 16), um paralítico (Jo 5:9) e um cego (Jo 9:14). Jesus também dá um conselho em relação ao sábado. Ele diz: “Orai para que vossa fuga não aconteça nos sábado” (Mt 24:20). Stein Jr. (2001, p. 94) argumenta que a precipitação de uma fuga no sábado, somada à ansiedade, embaraços e inquietações, não contribuiriam com o caráter sagrado do sétimo dia. Este conselho de Cristo em relação a um evento que ocorreria quase 40 anos adiante indicaria a continuação da observância sabática no Novo Testamento. McKenzie (1971, p. 271) propõe que a alusão à fuga no sábado só teria sentido para alguns judeus-cristãos observantes desse dia, no qual, de acordo com a interpretação rabínica, não se

podia andar mais de dois mil passos. Stein Jr. (2001, p. 95-97) discorda desta idéia, apresentando a meticulosidade do conselho sobre o sábado como prova da intenção de Cristo de que todos os cristãos guardassem o sábado. Ele também rebate a hipótese de o conselho de Jesus ter sido dado porque nos sábados as portas da cidade ficavam fechadas (id.). Segundo o autor, em Mt 12:1 vê-se Jesus e os discípulos andando pelas searas, e logo depois os fariseus com eles. Como as searas ficam fora da cidade, conclui-se que as portas não eram rigorosamente fechadas (id.). Nesta profecia, Cristo declara que a fuga dos discípulos no período de tribulação não deveria ocorrer no sábado, pois isto certamente os encontraria desprevenidos por estarem envolvidos na preparação e santidade deste dia (Medeiros, 2005). Também o tumulto, a agitação e o temor da fuga não seriam apropriados para o dia de sábado (Nichol, 1987, p. 488).

Os discípulos de Jesus também observaram religiosamente o sábado antes da sua ressurreição. O sexto dia aparece nos evangelhos como “dia de preparação” para o sábado (Lc 23:54; Jo 19:31). Também as mulheres que eram seguidoras de Jesus “se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento” (Lc 23:55-56). Segundo Stein Jr. (2001, p.99), a declaração de Lc 23:56 demonstra detalhamento e esmero por parte do escritor inspirado. A evocação desse fato anos depois da ressurreição de Cristo, juntamente com o silêncio absoluto em relação a alguma mudança introduzida por Cristo ou seus apóstolos, prova que o sábado ainda era observado na época em que Lucas escreveu seu livro e que tal transferência nunca entrou em suas cogitações. Stein é enfático: “A declaração expressa ‘conforme o mandamento’ constitui uma admissão tácita da continuação da vigência do preceito do sábado sob sua forma original na nova dispensação” (id.).

Outro episódio envolvendo as mulheres seguidoras de Jesus é descrito em Mc 16:1: “Passando o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo”. Pelo texto, nitidamente nota-se que elas compraram as especiarias logo após o pôr-do-sol, respeitando o mandamento.

É somente no amanhecer do primeiro dia da semana que as mulheres vão ao sepulcro (Mt 28:1), seguindo a observância do sábado. Isso mostra que Jesus não instruiu seus discípulos a não observarem mais o sábado depois de sua morte, mas o sábado fez parte de seus maiores ensinamentos. E essa prática continuou através do tempo. Anos depois, após a sua conversão, o apóstolo Paulo freqüentava a sinagoga aos sábados, “segundo o seu costume” (At 17:2). Em At 16:13, Paulo procura no sábado um lugar para ficar em oração em Filipos, e mulheres vão até ele para ouvi-lo. Nos sábados, Paulo pregava nas sinagogas, persuadindo tanto judeus quanto gregos

(At 18:4) e também levava para lá seus companheiros de viagem (At 13:14). Em Antioquia Paulo fez um sermão começando desde os tempos da escolha do povo de Israel até os dias atuais, ressaltando que eles não conheciam os ensinamentos dos profetas que se liam todos os sábados (At 13:27). Os judeus gostaram tanto da explanação de Paulo que pediram para ele voltar no sábado seguinte (At 13:42), e assim aconteceu (At 13:44). Em At 15:21 o termo *σάββατον* ainda é mencionado ao fim da discussão sobre a circuncisão, salientando que todos os sábados os livros de Moisés são lidos nas sinagogas. Vale destacar ainda que neste concílio realizado em Jerusalém, foram impostas algumas regras aos gentios que se convertessem. Tim Crosby (2006, p. 17-19) frisa que os quatro decretos de At 15:29 seguem a ordem textual de Lv 17 e 18, onde aparecem as leis aplicadas aos estrangeiros. Assim, o concílio estaria confirmando as ordenanças do Pentateuco. Por conseguinte, a omissão de um decreto para observância do sábado não significa sua abolição, assim como também não passou a ser permitido adorar outros deuses ou tomar o nome de Yahweh em vão. Os judeus do primeiro século, do qual os apóstolos faziam parte, consideravam o sábado como uma ordenança que veio da criação, sobrepujando as legislações mosaicas (id.). A lei de Deus não é citada entre as ordenanças aos gentios conversos, pois em nenhuma hipótese cogitava-se a sua anulação. O próprio Tiago, líder do concílio, era estrito observador da lei, chamando-a em seu livro de “lei perfeita” e “lei da liberdade” (Tg 1:15, 2:8-12, 4:2,4 e 11, 5:12).

Por fim, o último texto referente ao *σάββατον* é Cl 2:16, onde o termo aparece no plural: *σαββάτων*. Aqui palavra “sábados” vem precedida por “festas” e “lua nova”. Trata-se de uma seqüência anual, mensal e semanal (Bacchiocchi, 1990, p. 116). Essa seqüência aparece cinco vezes no Antigo Testamento (Cr 2:4; 31:3; Ne 10:33; Ez 45:17; Os 2:11) e indica que esses “sábados” referem-se ao sétimo dia da semana. Entretanto, quando Paulo diz que “ninguém vos julgue” ele está fazendo uma inferência aos falsos mestres que ensinavam filosofias erradas “conforme a tradição dos homens” e “conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo”. Ora, se Cristo guardou e pregou o sábado, aqui não poderia haver um ataque a esse dia. No texto, Paulo condena os falsos mestres que determinavam como se devia viver, ou praticar certos rituais e jejuns. Paulo diz que tudo era uma sombra, a realidade se encontrava em Cristo. Paulo não ataca os princípios, mas sua perversão (Lima, 2003, p. 2-5).

5.8. CONCLUSÃO PARCIAL

Este capítulo analisou os termos “sinal” e “sábado” em toda a Bíblia. Verificou-se que o sinal de relacionamento de Deus com o seu povo foi o sábado. Todavia, embora o sinal fosse dado ao povo de Israel de modo particular, representava um pacto universal com toda a humanidade. Em Êx 31:17, a criação e o repouso de Deus no sétimo dia aparecem como razão universal para o descanso sabático. A fraseologia do texto remete a Gênesis 2:1-3, quando Yahweh estabeleceu o sétimo dia como santo na criação.

Essa tensão entre os aspectos particular e universal do sábado não é uma exclusividade desse tema na Bíblia, mas aparece através do tema da aliança do Antigo Testamento, como foi visto aqui no caso da aliança noética e abraâmica.

Constatou-se ainda que o sábado, em todo o Antigo Testamento, foi símbolo de santificação e um dia dedicado ao culto. No Novo Testamento, o sábado foi confirmado e elucidado por Jesus Cristo, que condenou a observância legalista do dia sagrado. O sábado também continuou sendo observado pelos apóstolos após a ascensão de Jesus.

Deste modo, a análise geral dos termos “sinal” e “sábado” indica que, ao dirigir-se ao povo de Israel para referir-se à santificação do sábado, Yahweh intencionava não somente a obediência de Israel, mas de toda a humanidade. Yahweh não se dirigiu aos povos pagãos, que não o conheciam. Dirigiu-se especificamente ao povo que o adorava, tornando-os depositários de um mandamento universal, que incluía os gentios (Is 56:6-7). O sábado atravessa o tempo, não como um mero sinal exclusivo do Israel literal, mas como um sinal da aliança entre Yahweh e seu povo desde a criação até a eternidade.

CAPÍTULO VI

REFLEXÃO TEOLÓGICA E REAÇÃO CRÍTICA

Depois da análise do texto e da abordagem de seus problemas, cumpre refletir sobre as implicações das descobertas feitas ao longo da pesquisa para a teologia bíblica, bem como dialogar com as diferentes propostas de interpretação de Êx 31:17, apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho.

6.1. REFLEXÃO TEOLÓGICA

O papel do sábado dentro do plano da salvação é mostrar a iniciativa de Yahweh em redimir a humanidade, firmando com ela uma aliança e dando-lhe Seu sinal de relacionamento. O sábado é um dos meios pelo qual Yahweh santifica o homem.

O sábado também tem um sentido comunitário, aplicado à comunidade da fé e à santidade dos seus membros. Enquanto o povo de Israel estivesse guardando o sábado, estaria imune à idolatria. Não era possível celebrar o dia do Deus da criação e, ao mesmo tempo, adorar deuses criados. A igreja precisa ter o sinal de Deus e promover a correta observância do sábado. Este sinal a livrará da apostasia e a ligará cada vez mais ao Criador.

Por fim, o sábado também tem um aspecto escatológico. O sábado será um ponto de destaque antes da volta de Cristo. O texto profético de Is 56 mostra todas as nações unindo-se ao povo de Deus sob a observância do sábado: “Todos os que guardam o sábado, não o profanando, abraçam a minha aliança” (v. 6). O fato de a observância do sábado estar disponível a todos o torna universal, todavia, é particular, pois torna-se um sinal distintivo daqueles que aceitam a Deus.

6.2. REAÇÃO CRÍTICA

Os autores que vêem o sinal do sábado como exclusivo do Israel literal, limitado à economia judaica, enfatizam demais a graça e a fé, em detrimento da lei de Deus, que é “santa, justa e boa” (Rm 7:12) e sobre a qual Paulo declara: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei”. Estes teólogos confundem os ritos israelitas que eram sombra de realidades maiores, com os eternos e irrevogáveis decretos de Deus, como é o caso do sábado, memorial da criação. O sábado aparece em Êx 31:17 como o sinal de Yahweh

como Criador. Ao negar a continuidade do sábado, este grupo nega a Yahweh como Criador. Há ainda, entre estes teólogos, a tendência excessiva de “espiritualização” para tudo no Novo Testamento. O sábado, por exemplo, perde a sua literalidade de 24h para significar o eterno “descanso em Deus”. Mas contraditoriamente, a maioria deles observa o domingo como o “dia do Senhor”. Em nenhum lugar do Novo Testamento Cristo ensina que o sábado deveria ser anulado. Pelo contrário, pede para que os discípulos orem para que a fuga antes da queda de Jerusalém não ocorra no sábado.

O grupo que propõe que a intenção de Yahweh era que o sábado fosse um sinal do Israel literal durante a economia judaica e adaptado na era cristã, superenfaziza a Deus como redentor, em detrimento de Deus como Criador. Afirmam que o “sábado cristão”, o domingo, celebra a ressurreição de Cristo e, portanto, a redenção da humanidade. Segundo eles este episódio é mais importante que a criação. Entretanto, esquecem que o mesmo sábado que aponta para a criação, aponta para a santificação do homem (Êx 31:13; Ez 20:12), que nada mais é que a restauração do homem à imagem de Deus, ou seja, redenção. Os autores que defendem o domingo demonstram falta de reconhecimento à autoridade divina, que instituiu o sábado como sinal desde a criação. Não há possibilidades de um dia santificado e abençoado por Deus perder estes atributos (Gn 2:2). Por fim, percebe-se em ambos os grupos a falta de compreensão do tema da aliança, da questão da sua universalidade e particularidade dos concertos de Yahweh. Na perícopos o “sinal” destaca-se em relação à santidade e à morte, pena aplicada à transgressão do sábado, o que salienta sua observância irrestrita e alvo da especial atenção divina. Seguindo esses princípios, os discípulos e apóstolos fizeram o que era “lícito” aos sábados, observando-o como Jesus fazia.

O terceiro grupo de teólogos remete a origem do sábado à criação, por ocasião de sua instituição universal. Também apresenta Israel como o povo que deveria proclamar a lei de Yahweh ao mundo e não o destino único e final dos mandamentos divinos. Poucos teólogos, entretanto, analisam o texto de Êx 31:17 especificamente. Os que o fazem (Shuler, 1972, p. 74-75; Dugger, 2005, Andrews, 1912, p. 70-74), explicam claramente que do mesmo modo que o termo “Deus de Israel” não indicava exclusividade de relacionamento entre Yahweh e esse povo, a expressão “entre mim e os filhos de Israel” também nunca excluiu os demais seres humanos. Ainda enfatizam a idéia de perpetuidade do sábado com base no fim do verso 17, onde menciona-se o descanso de Yahweh após a criação como motivo para a guarda do sétimo dia. Estes teólogos, todavia, não apresentam alguns pontos importantes analisados neste estudo.

Nenhum dos estudos deste grupo apresentou a ligação entre o texto da perícopa (Êx 31:12-17) e a porção anterior sobre o tabernáculo (25:1 a 31:11). O vínculo entre os temas do santuário e do sábado, relacionam-se à adoração no espaço e no tempo, respectivamente. Esta interligação dos temas indica a unidade do texto, a conseqüente produção por um único autor e salienta a santidade do sétimo dia.

Outro ponto não abordado foi a tensão dos conceitos de universalidade e particularidade das alianças de Yahweh. Este é um assunto essencial para a compreensão do texto de Êx 31:17. O mesmo verso que introduz uma fórmula particular (“entre mim e os filhos de Israel”), termina com uma razão universal: “Porque em seis dias Yahweh fez os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou”. Shuler (1972, p. 74-75), Dugger (2005) e Andrews (1912, p. 70-74) tocam superficialmente na questão, mostrando os mandamentos dados a Israel como universais. Todavia, não há aprofundamento no tema da aliança.

Ainda dentro da aliança, apenas Hasel (1982, p. 31) analisa a expressão **הִקְיִם בְּרִית** (“manter aliança” ou “confirmar aliança”), usado por Yahweh em Gn 6:18 ao falar com Noé. A expressão sugere um pacto anterior ao noético, sugerindo a existência de um concerto universal com Adão, tendo o sábado como sinal desse relacionamento. Este deveria ser um tópico mais abordado pelos teólogos do terceiro grupo, pois embasa a abrangência universal da observância do sábado a partir da aliança com a humanidade na criação.

O fraseado de Êx 31:17 também denota a intenção do autor em evocar a criação, fazendo referência quase direta ao texto de Gn 2:1-3. A intertextualidade dessas passagens, contudo, não foi discutida pelos teólogos. Este é um argumento importante para remeter a observância do sábado à criação, mas foi ignorado. Nota-se a necessidade de estudos mais aprofundados dos teólogos que defendem o sábado como sinal do povo de Yahweh em todas as épocas.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foi feita uma revisão de literatura, e descobriu-se que os autores se dividem em três grupos: (1) aqueles que afirmam que em Êx 31:17 a intenção de Yahweh era que o sábado fosse um sinal exclusivo do Israel literal, limitado à economia judaica; (2) os que argumentam que a intenção de Yahweh era que o sábado fosse um sinal do Israel literal durante a economia judaica e adaptado na era cristã, sendo transferido para o domingo; e, finalmente, (3) os autores que defendem que a intenção de Yahweh era que o sábado fosse um sinal perpétuo entre Ele e seu povo em todas as épocas, extrapolando os limites do Israel literal. Esse capítulo reforçou a necessidade e a importância de uma exegese acurada do texto.

No segundo capítulo, delimitou-se a perícope da passagem, descobrindo que ela se enquadra em Êx 31:12-17, tendo a santidade e a observância do sábado como tema unificador. Na análise do texto, cinco variantes foram encontradas, contudo, nenhuma delas trouxe problemas ao texto da perícope. Este capítulo indicou que a divergência de interpretação da passagem não decorre de fatores textuais, e incentivou a busca pela solução em outros aspectos do texto.

No terceiro capítulo, foi abordado o contexto histórico geral e específico do livro de Êxodo, obra atribuída a Moisés, que o teria escrito no século XV a. C., durante a peregrinação pelo deserto. Quanto ao contexto específico da perícope, percebeu-se que o sábado foi inserido após as instruções para a construção do tabernáculo por três motivos: (1) a conexão entre o santuário (Êx 25:1-31:11) e o sábado (Êx 31:12-17) como as duas principais formas de adoração – no espaço e no tempo; (2) objetivo de especificar detalhes sobre o sábado; e (3) lembrar aos israelitas de que, mesmo sendo uma obra sagrada, a construção do tabernáculo deveria ser suspensa aos sábados. Assim, esse capítulo indicou que a inserção do mandamento do sábado nas leis acerca do santuário não aponta para uma desordem na organização do livro, mas um alerta à santificação irrestrita do sábado e destaque de seu papel na adoração. O sábado é o sinal da aliança ratificada com o povo de Israel no monte Sinai. Notou-se o destaque dado por Yahweh ao sábado tanto na locação textual, como no fato histórico de que, antes de levar o povo para a terra prometida, Yahweh pára a jornada para comunicar ao povo as suas leis e sua aliança, tendo o sábado como sinal.

No quarto capítulo, foram abordados o gênero literário, a estrutura do livro e da perícope e a existência de figuras de linguagem na perícope. Verificou-se que o livro de Êxodo é uma interação entre os gêneros *narrativa* e *lei*. A perícope está dentro da porção legal e sua forma

literária é *instrução*. Quanto à estrutura literária do livro, três palavras dividem todo o conteúdo do livro: redenção, moralidade e adoração. Nas duas últimas seções, o sábado aparece em destaque. No esboço também nota-se que o autor deu ênfase a esta porção legal, ao transcrevê-la de maneira trabalhada, em forma de quiasmo. A tensão dual entre a vida e morte (v. 13, vida; v. 14, morte; v. 15, morte; v. 17, vida), por meio da santificação ou da quebra do pacto, são características da aliança de Yahweh e apontam para a seriedade da instrução. Vê-se ainda que Yahweh enfatiza o mandamento do sábado, já enunciado no decálogo (Êx 20:18), repetindo-o antes da entrega das tábuas dos mandamentos a Moisés (Êx 31:18). Além disso, observa-se que o sábado é o primeiro assunto a ser transmitido por Moisés ao povo (Êx 35:1-3). Por fim, no final do versículo 17, o *antropopatia* “descansou”, aponta para o exemplo divino do Criador a ser imitado por suas criaturas.

No quinto capítulo analisou-se dois termos. O primeiro deles foi אֶלֶּם (“sinal”). Constatou-se que o Antigo Testamento apresenta três personagens com quem Yahweh firma um אֶלֶּם de aliança: Noé, Abraão e o povo de Israel. O arco-íris (Gn 9:12,13,17), a circuncisão (Gn 17:11) e o sábado (Êx 31:12-17) são os sinais respectivos dessas alianças. Interessante é que em cada uma dessas alianças existem características particulares e/ou universais. Na aliança com Noé, por exemplo, evidenciam-se os aspectos universais: “Será por sinal da aliança entre mim e a terra” (Gn 9:13); “aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra” (v. 16). Na aliança com Abraão destacam-se os aspectos particulares: “Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações” (Gn 17:9). Já na aliança com o povo de Israel, existe forte tensão entre particular e universal. Enquanto a primeira parte do verso apresenta aspecto particular (“entre mim e os filhos de Israel” - Êx 31:17a), a última parte denota característica universal (“porque em seis dias Yahweh fez os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou” - Êx 31:17b). Esse versículo, bem como o último verso do quarto mandamento (Êx 20:11), usa a mesma fraseologia de Gn 2:1-3, quando Yahweh descansou, santificou e abençoou o sétimo dia. A semelhança dos textos indica intertextualidade, uma menção intencional do autor. Assim, embora Yahweh fale diretamente ao povo de Israel ao estabelecer o sábado como sinal de sua aliança (Êx 31:17a), o propósito era de um concerto universal enraizado na criação (31:17b).

O segundo termo em análise foi שַׁבָּת (“sábado”). A primeira ocorrência explícita do termo no Pentateuco ocorre em Êx 16:22-36, no episódio do maná. Observa-se que o povo de Israel já guardava o sábado antes da doação do decálogo. Antes dessa menção direta, todavia, existem

duas outras menções indiretas. A primeira delas aparece no relato da criação (Gn 2:2 e 3). Embora não se use o termo **שַׁבָּת** (“sábado”), ocorre a raiz **שָׁבַת** (“descansou”), de onde se deriva tal vocábulo. Esta passagem lança os fundamentos da importância do sábado no texto bíblico.

A segunda menção indireta ao sábado ocorre em Êx 4:18-31, quando o Faraó nega o pedido de Moisés e Arão para adorar a Deus no deserto e acrescenta: “O povo da terra já é muito, e vós o distraís das suas tarefas”. A expressão “e vós o distraís”, contém o verbo **שָׁבַת** (“cessar”, “descansar”), raiz de **שַׁבָּת**. Essa seria uma crítica do Faraó a Moisés e Arão por terem reeducado o povo escravo a guardar o sábado.

O texto do quarto mandamento (Êx 20:8-11) é um dos principais sobre o sábado e apresenta a já mencionada tensão particular-universal. Passagens como Is 56:6-7 enfatizam o aspecto universal do sábado: “todos os que guardam o sábado, não profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte”. No Novo Testamento, **שַׁבָּת** equivale **σάββατον**. As ocorrências desses termos dividem-se em seis: 1) Ataques dos escribas e fariseus; 2) Respostas de Jesus sobre suas ações no sábado; 3) Costumes sabáticos de Jesus; 4) Conselho de Jesus sobre o sábado; 5) Prática dos discípulos antes da ressurreição de Cristo; 6) Prática dos apóstolos depois da ressurreição de Cristo. Em todas as passagens, o sábado é apontado como um dia de adoração e santificação, sendo confirmado e elucidado por Jesus, que condenou a observância legalista do dia sagrado. O sétimo dia também continuou sendo observado pelos apóstolos após a ascensão de Cristo.

No sexto capítulo, abordou-se o sábado dentro do plano da salvação, seu sentido comunitário e aspecto escatológico. Na seqüência, foi feita uma revisão crítica dos autores analisados no primeiro capítulo, observando-se que: O primeiro grupo supereenfatiza a graça e desconsidera a lei, enquanto que o segundo supereenfatiza a Deus como Redentor, não como Criador. Já o terceiro grupo apresenta conceitos sólidos e bíblicos em relação ao sábado, remetendo a origem da observância do sétimo dia ao descanso do próprio Yahweh por ocasião do fim da semana da criação. A análise desse grupo, no entanto, deixou de abordar vários pontos essenciais do texto bíblico, como foi apresentado ao longo dessa pesquisa.

Depois de todas estas conclusões, pode-se responder às perguntas apresentadas na introdução: “Seria o sábado um sinal exclusivo do Israel literal?” Não. Yahweh dirigiu-se a Israel por ocasião da doação da lei, mas não restringiu a observância a um povo ou época específica. “Era propósito de Yahweh que o sábado fosse um sinal da aliança com seu povo para sempre?”

Sim. Apontando para a criação e seu descanso no sétimo dia como motivo para o início e vigência do sábado, Yahweh apresenta um modelo de adoração a ser seguido por todas as suas criaturas. Yahweh, o Deus imutável, deu um sinal eterno para seu povo em todas as épocas: “Todos os que guardam o sábado, não o profanando, abraçam a minha aliança” (Is 56:6b).

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Bernhard W. "The Problem of Old Testament History". Disponível em: http://www.biblicalstudies.org.uk/article_history_anderson.html. Acesso em: 21 de maio de 2006.
- ANDREASEN, Niels-Erik A. *Rest and Redemption: A Study of the Biblical Sabbath*. Berrien Springs/MI: Andrews University Press, 1978.
- ANDREWS, J. N. *History of the Sabbath and the First Day of the Week*. 4. ed. Washington/DC: Review and Herald, 1912.
- ARCHER Jr., Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 1991.
- BACCHIOCCHI, Samuele. *Divine Rest for Human Restlessness: A Theological Study of the Good News of the Sabbath for Today*. Roma: The Pontifical Gregorian University, 1980.
- _____. *The Sabbath in the New Testament: Answer to Questions*. Berrien Springs/MI: Biblical Perspectives, 1990.
- _____. *The Sabbath under Crossfire: A Biblical Analysis of Recent Sabbath/Sunday Developments*. Berrien Springs/MI: Biblical Perspectives, 1998.
- BAZAGLIA, Paulo (ed.). *Bíblia de Jerusalém*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BECKWITH, Roger T.; STOTT, Wilfrid. *The Christian Sunday: A Biblical and Historical Study*. Grand Rapids/MI: Baker, 1980.
- BENTES, J. M.; CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. 5 v. São Paulo: Candeia, 1991.
- BRATCHER, Dennis. "The Date of the Exodus: The Historical Study of Scripture". Disponível em: www.cresourcei.org/exodusdate.html. Acesso em: 6 de novembro de 2005.
- BUCKLAND, A. R. *Dicionário bíblico universal*. 19. reimpressão. São Paulo: Vida, 1999.
- BULLINGER, Ethelbert W. *Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia*. Barcelona: Clie, 1985.
- CANRIGHT, D. M. *Seventh-day Adventism Renounced*. 4. ed. Nashville/TN: B. C. Goodpasture, 1961.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. 8 v. São Paulo: Hagnos, 2003.

- CHAMPLIN, Russel Norman. *Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. 7 v. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. 2. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1980.
- COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. 3. reimpressão. São Paulo: Mundo Cristão, 1990. (Série Cultura Bíblica).
- COX, Leo G. "The Book of Exodus". In: TAYLOR, Richard (ed.). *Beacon Bible Commentary*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1969. v. 1. p. 169-316.
- CROSBY, Tim. "Ecos de um concílio". *Ministério*. Brasília, v. 77, n. 3, p. 17-20, maio-junho 2006.
- DAWN, Marva J. *Keeping the Sabbath Wholly : Ceasing, Resting, Embracing, Teaching*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1989.
- DOUKHAN, Jacques B. "Loving the Sabbath as a Christian: A Seventh-Day Adventist Perspective". In: ESKENAZI, Tamara C.; HARRINGTON, Daniel Jr.; SHEA, William H. (eds.). *The Sabbath in Jewish and Christian Traditions*. New York: Crossroad Books, 1991. p. 149-168.
- DUGGER, A. N. "The Seventh Day as a Christian Sabbath and The First Day as a Day of Worship – a Written Discussion". Disponível em: www.bibleforum.com/Debates/Porter-Dugger/complete.pdf. Acesso em: 24 de outubro de 2005.
- DURHAM, John I. *Exodus*. Waco/TX: Word Books, 1987. (Word Biblical Commentary, v. 3).
- _____. "The Book of Exodus". In: COOGAN, Michael D.; METZGER, Bruce M. (eds.). *The Oxford Companion to the Bible*. New York, EUA: Oxford University Press, 1993. p. 212-216.
- ERDMAN, Carlos. *El Pentateuco*. Grand Rapids/MI: The Evangelical Literature League, 1986.
- EXELL, Joseph S. *The Biblical Illustrator*. 23 v. Grand Rapids/MI: Baker Book House, 1975.
- FENTON, Terry; ODED, Bustenay. "The Invention of 'Ancient Palestinians': Silencing of the History of Ancient Israel". *Jewish History*, v. 17, n. 1, p. 77-96, 2003.
- FOHRER, Georg. *Introduction to the Old Testament*. 4. ed. Nashville/TN: Abingdon, 1978.
- FRIES, Heinrich. "Sinal/milagre". In: FRIES, Heinrich (ed.) *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. São Paulo: Edições Loyola, 1971. p. 237-259.
- GAEBELEIN, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 v. Chicago: Moody Press, 1970.

- GANE, Roy. "O sábado e a nova aliança". *Ministério*, Brasília, v. 76, n. 1, p. 17-20, janeiro-fevereiro de 2005.
- GORDON, Robert P. "Exodus". In: BRUCE, F. F. (ed.). *The International Bible Commentary*. Grand Rapids/MI: Marshal Pickering/Zondervan, 1979. p. 149-188.
- GRANT, Leslie. "Comments on the Book of Exodus". Disponível em: http://www.biblecentre.org/commentaries/lmg_02_exodus.htm. Acesso em: 4 de outubro de 2005.
- GRYLAK, Moshe. *Reflexões sobre a Torá*. São Paulo: Sêfer, 1998.
- GULLEY, Norman R. *Christ is Coming!* Hagerstown/MD: Review and Herald Publishing Association, 1998.
- HAINES, Lee. "The Book of Exodus". In: CARTER, Charles W. (ed.). *The Wesleyan Bible Commentary*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1969. p. 159-290.
- HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13*. Nashville/TN: Thomas Nelson Publishers, 1993. (Word Biblical Commentary, v. 33A).
- HARRISON, Roland K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans, 1991.
- HASEL, Gerhard F. *Covenant in Blood*. Mountain View/CA: Pacific Press Association, 1982.
- _____. "The 'Days' of Creation on Genesis 1: Literal 'Days' or Figurative 'Periods/Epochs' of Time?". *Origins*, Berrien Springs/MI, v. 21, n. 1, p. 5-38, 1994. Disponível em: <http://www.grisda.org/origins/21005.htm>.
- _____. "The Sabbath in the Pentateuch". In: STRAND, Kenneth A. (ed.). *The Sabbath in Scripture and History*. Washington/DC: Review and Herald Publishing Association, 1982. p. 21-43.
- HENRY, Matthew. *Comentario exegetico devocional a toda la Biblia*. 13 v. Barcelona: Editorial Clie, 1989.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *O Schabat: Seu significado para o homem moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HELFMEYER, James K. "שַׁבָּת"; In: BOTTERWICK, Johannes G., RINGGREN, Helmer (eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing, 1974. v. 1, p. 167-188.

- _____. "Exodus". In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Baker Commentary on the Bible*. Grand Rapids/MI: Baker Books, 2000. p. 38-63.
- HONEYCUTT JR., Roy L. "Êxodo". In: CLIFTON, Allen (ed.). *Comentário bíblico Broadman*. São Paulo: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986. v. 1, p. 367-554.
- HORN, Siegfried H. "Exodus", "Book of Exodus" e "Sabbath". *The Seventh-Day Adventist Bible Dictionary*. Washington: Review and Herald, 1979. p. 348-351, 351-352, 959-962.
- HYATT, J. Philip. *Exodus*. Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1980. (The New Century Bible Commentary).
- JAMIESON, Robert. *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*. Disponível em: www.ccel.org/j/jfb/jfb/JFB02.htm#Chapter31. Acesso em: 20 de outubro de 2005.
- KAISER Jr., Walter C. "Exodus". In: GAEBELEIN, Frank E. (ed.). *The Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1996. v. 2, p. 285-497.
- KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Biblical Commentary on the Old Testament*. 10 v. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans, 1986.
- KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991. (Série Cultura Bíblica).
- KIRST, Nelson (ed.). *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- KORSMAN, Stephen. "The Sabbath prior to Moses". Disponível em: <http://www.theotokos.co.za/adventism/beforemoses.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2005.
- LASOR, William Sanford; HUBBARD, David Allan; BUSH Frederic William (eds.). *Introdução ao Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- LIMA, Heber Nicholas. "Cerimonial ou moral?: Um estudo sobre o sábado em Colossenses 2:14-17". Engenheiro Coelho (SP). 2003. 9 f. Monografia – Curso de Teologia, Centro Universitário Adventista de São Paulo/Campus Engenheiro Coelho. Disponível em: <http://www.unasp.edu.br/kerygma/monografia06.asp>. Acesso em: 21 de março de 2006.
- LINCOLN, A. T. "From sabbath to Lord's Day: A biblical and theological perspective". In: CARSON, D. A. (ed.). *From Sabbath to Lord's Day: A Biblical, Historical and Theological Perspective*. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishig House, 1982. p. 343-412.

- LIVINGSTON, George H. "General Introduction to the Pentateuch". In: CARTER, Charles W. (ed.). *The Wesleyan Bible Commentary*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1969. v. 1, p. 1-5.
- MACRAE, Allan A. "Book of Exodus". In: TENNEY, Merrill C. (ed.). *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 2. ed. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1977. v. 2, p. 436-450.
- _____. "עֲלִים". In: HARRIS, R. Laird Harris; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (eds.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1126-1127.
- MALICK, David. "An Introduction to the Book of Exodus". Disponível em: http://www.bible.org/page.asp?page_id=41. Acesso em: 24 de outubro de 2005.
- MCKENZIE, John L. "Evangelio segun San Mateo". In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (eds.) *Comentário Bíblico San Jeronimo*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1972. v. 3, p. 163-293.
- MEDEIROS, Gilson. "O sábado no Antigo Testamento". Disponível em: http://www.advir.com.br/sermoes/sermoes_c_O%20S%C3%81BADO%20NO%20OVO%20TESTAMENTO. Acesso em: 31 de maio de 2005.
- MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no Livro de Êxodo*. 3. ed. São Paulo: Juerp, 1971.
- MILLER, J. Maxwell. "History or Legend". Disponível em: <http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=2964>. Acesso em: 21 de maio de 2006.
- MYERS, Allen (ed.). *The Eerdmans Bible Dictionary*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans, 1987. Ver "Exodus", "Sign", p. 363-365, 948-949.
- NICHOL, Francis D. *Answers to Objections: An Examination of the Major Objections Raised Against the Teachings of Seventh-Day Adventist*. Washington/DC: Review and Herald, 1952.
- _____. (ed.). *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. 8 v. Hagerstown/MD: Review and Herald, 1978.
- NOTH, Martin. *Exodus: A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1962.
- PORTER, W. Curtis. "The Seventh Day as a Christian Sabbath and The First Day as a Day of Worship – a Written Discussion". Disponível em: www.bibleforum.com/Debates/Porter-Dugger/complete.pdf. Acesso em: 24 de outubro de 2005.
- RENDTORFF, Rolf. "'Covenant' as a Structuring Concept in Genesis and Exodus". *Journal of Biblical Literature*, v. 108, n. 3. p. 385-393, 1989.

- RIFFE, Ron. “Os Dez Mandamentos: o padrão inalcançável de Deus para o homem”. Disponível em: www.espada.eti.br/p176.asp, 04/10/05. Acesso em: 23 de outubro de 2005.
- RORDORF, Willy. *Sunday: The History of the Day of Rest and Worship in the Earliest Centuries of the Christian Church*. Philadelphia: The Westminster Press, 1986.
- ROWLEY, H.H. *The Growth the Old Testament*. New York: Harper and Row, 1963.
- RUDOLPH, W.; ELLIGER, K. (eds.). *Bíblia Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1987.
- RYLAARSDAM, J. Coert. “Exodus: Introduction”. In: BUTTRICK, George Arthur (ed.). *The Interpreter’s Bible*. Nashville/TN: Abingdon Press, 1952. v. 1. p. 833-848.
- SCHÖKEL, Luis Afonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHULTZ, Samuel J. *História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- SCOTT, Mike. “What do Scriptures Say?”. Disponível em: www.scripturessay.com/q361a.html. Acesso em: 24 de outubro de 2005.
- SEIGLIE, Mario. “Exodus Controversy”. Disponível em: www.ucgstp.org/lit/gn/gn039/exodus.html. Acesso em: 23 de outubro de 2005.
- SHEA, W. H. “Date of Exodus”. In: BROMILEY, Geoffrey W. (ed.). *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982. v. 2. p. 230-238.
- SHULER, B. L. *God’s Everlasting Sign*. Nashville/TN: Review and Herald Publishing Association, 1927.
- SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- SOGGIN, J. Alberto. *The Pentateuch and the Former Prophets*. Philadelphia: Westminster Press, 1989.
- STEIN Jr., Guilherme. *O sábado ou o repouso do sétimo dia*. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001.
- TURNER, G. A. “Sign”. In: TENNEY, Merrill C. (ed.). *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1975. v. 5, p. 429-431.
- UNGER, Merrill F. *Unger’s Bible Commentary on the Old Testament*. 2 v. Chicago: Moody Press, 1981.

- VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- WALKER, Allen. *The Law and the Sabbath*. Frederick/MD: Amazing Facts, 1985.
- WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15*. Waco/TX: Word Books, 1987. (Word Biblical Commentary, v. 1).
- WHITE, Ellen G. *O desejado de todas as nações*. 22. ed. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- YOUNG, Edward J. *apud* GORDON, Robert P. "Exodus". In: BRUCE, F. F. (ed.). *The International Bible Commentary*. Grand Rapids/MI: Marshal Pickering/Zondervan, 1979. p. 181.
- _____. *An introduction to the Old Testament*. Grand Rapids/MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1989.
- _____. "Sábado". In: DOUGLAS, J. D. (ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 1421-1423.